



PAMELA APARECIDA SIMÃO ANDRÉ

IMAGENS DIALÉTICAS SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

**LAVRAS-MG
2023**

PAMELA APARECIDA SIMÃO ANDRÉ

IMAGENS DIALÉTICAS SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Carlos Betlinski
Orientador

**LAVRAS-MG
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA,
com dados informados pelo (a) próprio(a) autor(a).

André, Pamela Aparecida Simão.

Imagens Dialéticas Sobre a Instituição Escolar / Pamela Aparecida
Simão André - 2023.

106 p. : il.

Orientador: Carlos Betlinski

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Escola. 2. Fundamentos Estéticos. 3. Imagem Dialética. 4. Escola e
sociedade. I. Betlinski, Carlos. II. Título.

PAMELA APARECIDA SIMÃO ANDRÉ

IMAGENS DIALÉTICAS SOBRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

DIALECTIC IMAGES ABOUT THE SCHOOL INSTITUTION

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 05 de maio de 2023

Profa. Dra. Dalva de Souza Lobo – UFLA/MG

Prof. Dr. Danilo Arnaldo Briskievicz – IFMG/MG

Documento assinado digitalmente
 CARLOS BETLINSKI
Data: 12/07/2023 08:48:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Betlinski
Orientador

**LAVRAS – MG
2023**

A Deus, autor e consumidor da minha fé que me guiou por todos os caminhos até aqui. A minha mãe Silvana, ao meu pai Evaristo e ao meu irmão Jean, que nunca me deixaram desistir mesmo nos dias mais difíceis, e me apoiaram em tudo. Ao meu eterno treinador, amigo e segundo pai Fernando de Oliveira, que partiu tão cedo e não pode estar ao meu lado nessa conquista, meu muito obrigada por ter me feito sonhar com isso e mesmo de longe estar me guiando e cuidando sempre. Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Carlos Betlinski por ter confiado em mim e acreditado nesta pesquisa desde o início, também por toda a paciência e dedicação em todas as orientações e conversas.

Agradeço à coordenação e aos professores (as) do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo apoio e pelas partilhas de conhecimentos, por cada aula desenvolvida e cada leitura recomendada, vocês fazem parte dessa conquista.

Agradeço ao meu eterno treinador e amigo Professor Fernando Roberto de Oliveira por ter idealizado e coordenado por anos o projeto de atletismo Cria-Lavras que me incentivou a frequentar uma Universidade Federal, a seguir o caminho acadêmico e a buscar sempre novos conhecimentos, lembrando-me diariamente que “todo aperto sempre será pouco”, acredite, passei por muito aperto nesse período.

Agradeço de forma especial aos meus pais e a meu irmão por todo o apoio e incentivo durante este período, por terem tido paciência comigo e me ajudarem no processo, por terem acreditado em mim mesmo quando eu mesma não acreditava e por todo o cuidado que vocês sempre tiveram comigo, amo vocês eternamente.

Meu eterno muito obrigada!

RESUMO

A pesquisa trata do tema da instituição escolar e sua representação por parte de estudantes de licenciaturas mediados por imagens fotográficas. O objetivo é analisar como esses sujeitos, diretamente implicados com as atividades educativas escolares, constroem suas representações sobre a escola de educação básica numa perspectiva dialética que tanto pode se voltar às críticas, quanto aos elogios direcionados a essa instituição que possui funções sociais controversas. Como referenciais teóricos, adotou-se fundamentos estético-filosóficos relativos ao pensamento de Walter Benjamin, conceitos como: imagem dialética, jogo, imagem-pensamento, técnica e segunda técnica e, conceitos de Vilém Flusser tais como: imagem técnica, jogo e dialética das imagens que foram incorporados na produção e leitura de imagens construídas pelos sujeitos de pesquisa. O problema que direcionou a investigação foi: como os estudantes de licenciaturas representam a instituição escolar de educação básica mediados pela produção de imagens técnicas. Como resultados da investigação, apresentamos uma leitura crítica das imagens produzidas pelos sujeitos destacando-se a leitura dialética das imagens e a construção do esclarecimento sobre o papel social desempenhado pela escola mesmo em tempos difíceis. A partir dessa leitura de imagens, concluiu-se que a maneira com que a instituição escolar é vista pelos sujeitos da educação interfere diretamente nos processos educativos que ocorrem dentro da escola, sendo necessária uma maior investigação destas em função de desenvolver uma defesa da educação escolar que promova uma educação igualitária e o lugar comum da educação enquanto bem público.-

Palavras-chave: Escola. Fundamentos Estéticos. Imagem Dialética. Escola e sociedade.

ABSTRACT

The research deals with the theme of the school institution and its representation by undergraduate students mediated by photographic images. The objective is to analyze how these subjects directly involved with school educational activities build their representations about the basic education school in a dialectical perspective that can turn to both criticism and praise directed at this institution that has controversial social functions. As theoretical references, aesthetic-philosophical foundations related to Walter Benjamin's thought were adopted, concepts such as: dialectical image, game, image-thought, technique and second technique, and Vilém Flusser's concepts such as: technical image, game and dialectic of images which were incorporated in the production and reading of images constructed by the research subjects. The problem that guided the investigation was: how and degree students represent the school institution of basic education mediated by the production of technical images. As results of the investigation, we present a critical reading of the images produced by the subjects, highlighting the dialectical reading of the images and the construction of clarification about the social role played by the school, even in difficult times. From this reading of images, it was concluded that the way in which the school institution is seen by the subjects of education directly interferes with the educational processes that occur within the school, requiring further investigation of these in order to develop a defense of school education that promote equal education and the commonplace of education as a public good.

Keywords: School. Aesthetic Fundamentals. Dialectic Image. School and society.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1-M. Reflexão sobre a profissão- Escola e Trabalho	36
Figura 2- R.F. Patrimônio escolar - Escola e Trabalho.....	37
Figura 3- B. Trabalho docente- Escola e Trabalho	38
Figura 4- W. Asas para o aprendizado- Escola e Trabalho	39
Figura 5- M.E. Da educação básica à educação profissional - Escola e Trabalho	41
Figura 6- G. Amor pela pedagogia - Escola e Trabalho	42
Figura 7- A. Trabalhadores no campo - Escola e Trabalho.....	43
Figura 8 -A. P. Escola lúdica- Escola e Sociedade	44
Figura 9- M.C. Influência do professor- Escola e Sociedade.....	45
Figura 10- J.M. A batalha pela educação- Escola e Sociedade	46
Figura 11- M.L. Mudança de vida - Escola e Sociedade	47
Figura 12- M. Ampliando possibilidades- Escola e Sociedade	48
Figura 13- W. Formação de indivíduos- Escola e Sociedade.....	49
Figura 14- W. Proteção ou prisão?- Escola e Sociedade.....	49
Figura 15-L. Estímulo à criatividade- Escola e Sociedade.....	50
Figura 16- P. Desenvolvimento do aluno enquanto pessoa- Escola e Sociedade.....	51
Figura 17-K. Aprendizagem em processo- Escola e Sociedade	52
Figura 18- J.Apelo pela educação infantil de qualidade- Escola e Sociedade	53
Figura 19- A.L. Proibido tecnologia- Escola e Sociedade	54
Figura 20- A. Educação que transforma- Escola e Sociedade.....	55
Figura 21- A.G. Acessibilidade- Escola e Sociedade	56
Figura 22- B. Escola, o pilar da sociedade- Escola e Sociedade	57
Figura 23- A.B. Descoberta de si e do mundo- Escola e Sociedade.....	58
Figura 24- J.N. Diferenças sociais- Escola e Sociedade	59
Figura 25- M. Rompendo com a desigualdade social- Escola e Sociedade	60
Figura 26- C. Despertar de curiosidades- Escola e Formação Cultural	62
Figura 27-L. Liberdade de expressão- Escola e Formação Cultural.....	63
Figura 28- A.N. Ensino tradicional- Escola e Formação Cultural.....	64
Figura 29- J. Portas fechadas para o mundo- Escola e Formação Cultural.....	65
Figura 30- E. Construção ampla de conhecimento- Escola e Formação Cultural	66
Figura 31-H. Instrução que gera valores- Escola e Formação Cultural	67
Figura 32- V.R. Democratização- Escola e Formação Cultural	68
Figura 33- G. Experiência concreta aumentada- Escola e Formação Cultural	69
Figura 34- K. Incentivo à cultura- Escola e Formação Cultural.....	70
Figura 35- V.A. Valorização da escola- Escola e Formação Cultural	71
Figura 36- J.I. Ludicidade e educação- Escola e Formação Cultural	72
Figura 37- N. Diferença de escola tradicional e escola moderna construtivista- Escola e Conhecimento.....	74
Figura 38- L. Crítica sobre o ensino - Escola e Conhecimento	75
Figura 39- L.S. Falta de interação com o professor - Escola e Conhecimento.....	76
Figura 40- A.L. Espaços de aprendizagem - Escola e Conhecimento	77
Figura 41- C. Crise - Escola e Conhecimento	78
Figura 42- A.C. Conhecimento pré-determinado- Escola e Conhecimento.....	79
Figura 43- L.M. Melhor lugar para estar - Escola e Conhecimento	80

Figura 44- F. Professor como chave para o conhecimento - Escola e Conhecimento.....	81
Figura 45- F.O. Aquisição de conhecimento a nível intelectual - Escola e Conhecimento	82
Figura 46 L.G. Inclusão na escola- Escola e Política	83
Figura 47-K. Lugar para todos- Escola e Política.....	84
Figura 48- J.M. Sucateamento das escolas - Escola e Política.....	85
Figura 49- R. Pensamento e formação - Escola e Política	86
Figura 50- M.C. Meritocracia - Escola e Política.....	87
Figura 51- E. Intermédio entre o indivíduo e o mundo- Escola e Política.....	88
Figura 53- J.S. Luta pela educação de qualidade- Escola e Política.....	90
Figura 54- A. Marketing- Escola e Política.....	91
Figura 55- A.J. Modo de fazer escolar - Escola e Moralidade	92
Figura 56- C.Conexão- Escola e Moralidade	93
Figura 57- T. Professor como ser necessário- Escola e Moralidade.....	94
Figura 58- J.C. Educação à mercê da tecnologia- Escola e Moralidade	95
Figura 59- G. Educação inclusiva.....	96
Figura 60- P. Senso Crítico- Escola e Moralidade	97
 Gráfico 1- Classificação das imagens por categoria.....	 32
Gráfico 2 – Aparelho utilizado – Geral.....	33
Gráfico 3 – Utilização de filtro e/ou efeito nas fotos – geral	34
Gráfico 4 – Realização de edições nas fotografias	34
Gráfico 5- Montagem, colagem e/ou sobreposição de imagens -geral.....	35
Gráfico 6 - Utilização de programa e/ou aplicativo – geral	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 UM NOVO OLHAR PARA A ESCOLA	15
3 A QUESTÃO DAS IMAGENS EM WALTER BENJAMIN	20
4 FLUSSER E A LEITURA DE IMAGENS.....	26
5 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA	31
5.1 Análise geral dos dados.....	32
6 IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA	36
6.1 Escola e trabalho	36
6.2 Escola e sociedade	44
6.3 Escola e formação cultural.....	61
6.4 Escola e Conhecimento	73
6.5 Escola e política	82
6.6 Escola e moralidade	91
7 CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS.....	105

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos na instituição escolar, muitas coisas vêm à mente, um prédio com muitas salas de aula recheadas de painéis decorativos, lousas, pátios pintados com imagens lúdicas, miniparques de diversão, quadras de esportes, entre outras coisas. Enfim, poderíamos visualizar diversas formas dela se apresentar, umas mais coloridas, outras com cores neutras, com grades nas janelas ou jardins cercando as salas.

Em suas diferentes formas e formatos, a escola se apresenta para uns bem atrativa, enquanto outros preferem estar o mais longe possível dela, uns a veem como “salvadora da pátria”, outros como apenas mais um prédio em meio a tantos outros. Com tantas características, muitas vezes nos esquecemos que a escola é constituída por muito mais que um prédio e salas de aula, ela se constrói nas interações diárias, no ato educativo, no dia a dia da sala de aula.

A escola não deixa de ser o que é, um lugar onde aprendizagens acontecem e são compartilhadas, onde os alunos se desenvolvem em comunidade, crescendo junto com outros, aprendendo o novo e ressignificando aquilo que já sabiam, em contrapartida, também pode ser vista como um ambiente promotor de desigualdades e que não oferece as mesmas condições para todos.

A instituição escolar¹ é construída a partir de políticas públicas que norteiam o processo de ensino e aprendizagem, assim como nas concepções de ensino e do ideal de educação que se tem, por essa razão, as escolas têm características tão peculiares, que revelam aquilo que se espera daquele ambiente em particular. Essas expectativas educacionais podem se revelar nas representações da instituição escolar para os sujeitos envolvidos nos processos educacionais.

Pensando nisso, esta pesquisa se propôs a investigar as representações, ou seja, quais os sentidos atribuídos à escola, em especial aquela que se volta para a educação básica, enquanto instituição social. Que imagens um determinado grupo de sujeitos constroem da escola, quais são as razões que levam as pessoas a criticá-la. Por quais razões podemos defendê-la ou elogiá-la mesmo após tantos anos de seu surgimento.

¹ Os termos instituição escolar, espaço escolar e escola são tratados nesta pesquisa como sinônimos, se referindo ao espaço físico de suspensão das funções tradicionais que possibilita a formação integral dos cidadãos, por meio de experiências e vivências educativas, pautadas no diálogo e construção coletiva de conhecimento, mediada ou não por um professor.

No contexto atual², em que as pessoas têm sido afastadas do ambiente escolar e levadas cada vez mais para o ensino remoto, percebemos a necessidade de se dar destaque às práticas de ensino que ocorrem dentro das escolas, e como as concepções de ensino são manifestadas de forma prática dentro desses espaços, para assim conseguirmos defender a instituição escolar como lugar necessário.

A educação escolar vem sendo criticada e cada vez mais procuram-se estratégias para tornar o ensino mais individualizado e afastá-lo do ambiente físico da escola, seja com a prática do ensino híbrido ou do abandono completo da instituição escolar.

Dessa forma, os estudantes são prejudicados considerando que perdem a oportunidade de vivenciar experiências e interações que só são possíveis em conjunto e neste ambiente específico, segundo Masschelein; Simons (2014, p. 8), “a escola como um todo é determinada pelas tecnologias primitivas do passado. A aprendizagem artificial que chamamos de escola, por assim dizer, foi sempre necessária apenas para ensinar às crianças as coisas que eles não poderiam aprender em seu ambiente natural”, assim sendo, a escola desloca o estudante de seu espaço natural levando-o a um ambiente ideal para a aprendizagem.

Tem-se então uma das razões para combater os ideais “pró-desescolarização” que, desde meados do século XX, vêm tentando convencer a sociedade de que “as raízes do mal estavam na própria educação escolar e que a escola é criminosa em sua lógica institucional” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 1).

Reconhecemos que algumas das ideias “pró-desescolarização” são bastante atrativas, porém, segundo Nóvoa (2022):

Consideramos que as dinâmicas de “desescolarização”, nas suas diversas e distintas modalidades, são sedutoras, mas, se fossem concretizadas, traduzir-se-iam em maiores desigualdades e injustiças sociais (NÓVOA, 2022, p. 44).

Sendo assim, esta pesquisa surge com o intuito de contribuir para um novo olhar sobre a escola, em suas peculiaridades e por diversos olhares e perspectivas. Uma argumentação que apresenta a escola como um espaço que oferece uma educação carregada de conhecimento,

² A pesquisa foi iniciada no mês de março de 2021, período em que estávamos enfrentando uma pandemia global causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, causador da infecção respiratória conhecida como COVID-19, no período citado o Brasil todo estava em confinamento parcial que causou o fechamento de escolas e suspensão das aulas presenciais.

moralidade, formação cultural, formação para o trabalho, e como um direito³ e dever político que molda toda uma sociedade.

Os argumentos pró-desescolarização são diversos e apontam para o currículo, para os professores e para o sistema, entre outras coisas, por isso devem ser combatidos de forma que nossa defesa aponte para as pessoas, para os indivíduos afetados por uma desescolarização precoce e desnecessária.

Pretendemos aqui apresentar argumentos que possam contribuir para reverter a visão de que a instituição escolar deve ser extinta. Acreditamos que é exatamente hoje – numa época em que muitos condenam a escola como desajeitada frente à realidade moderna e outros até mesmo parecem querer abandoná-la completamente – que o que a escola é e o que ela faz se torna claro e sua defesa se torna mais necessária. Segundo Masschelein; Simons (2014), a escola deve ser vista como um ambiente que:

Oferece “tempo livre” e transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns”, e, portanto, tem o potencial para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 1-2).

Muito tem se falado sobre uma morte da instituição escolar, sobre uma substituição dela por metodologias diversas, por um ensino virtual e/ou mediado pelas tecnologias. No entanto, a instituição escolar é um ambiente único, que possibilita experiências e vivências que seriam impossíveis em outras condições.

Quando partimos de sua definição grega *skholé* – tempo livre para o estudo e a prática oferecido às pessoas que não tinham nenhum direito a ele –, a escola já se mostra como fundamental, uma vez que proporciona a oportunidade única de um afastamento das obrigações sociais para a experiência de um momento de pura apreciação e construção de conhecimentos.

Desta maneira, esta pesquisa procurou cumprir com os objetivos de identificar diferentes representações da escola a partir da leitura de imagens produzidas por estudantes de licenciaturas, e o segundo objetivo foi classificar as representações imagéticas sobre a escola e criar mosaicos imagéticos sobre os sentidos sociais da instituição escolar em uma perspectiva dialética.

³ Nesta pesquisa estamos abordando a educação brasileira, que é um direito do cidadão, no entanto há países em que a garantia de acesso à escola não é dever do estado. Atualmente, no Brasil, temos a educação pública e gratuita como direito constitucional, contido nos artigos 205, 206 e 208, além de ser regulamentado pela LDB em seu artigo 4º.

Como instrumento de coleta de dados, propomos uma atividade de prática pedagógica da disciplina Filosofia da Educação fornecida para alunos de cursos de licenciaturas de uma universidade federal, na qual foi solicitado aos estudantes que produzissem, a partir de fotografias, imagens que pudessem representar a instituição escolar. Sugeriu-se um roteiro para que pudessem construir uma imagem pensamento e imagem conceito de tal forma que pudessem, mediados pelas imagens construídas, expressar o que pensam sobre a escola de educação básica nos anos de 2021 e 2022.

Partindo da premissa da realização de uma pesquisa de campo, Oliveira (1998, p. 35) pontua que “o olhar, o ouvir e o escrever devem ser sempre tematizados ou, em outras palavras, questionados enquanto etapas de constituição do conhecimento pela pesquisa empírica”. Assim, os licenciados foram orientados para a realização da atividade pedagógica de forma que pudessem criar uma representação fotográfica que abrangesse os elementos que eles consideravam essenciais para transmitir sua ideia de defesa ou crítica da instituição escolar. Foi solicitado que junto à representação imagética, cada estudante descrevesse o processo de construção da imagem assim como um breve relato a respeito do que pretendia transmitir, isso para que nenhum elemento se perdesse na análise dos dados.

As imagens coletadas, assim como os relatos apresentados a respeito do processo de construção de imagens foram analisados de forma a selecionar a partir dos critérios aquelas que contemplassem todas as etapas de produção, adequassem a uma ou mais das categorias preestabelecidas e pudessem ser consideradas como imagens técnicas e abrangessem conceitos como: mimese, jogo, imagem-produção (Ing.: Bild) imagem dialética, arte, embriaguez e/ou segunda técnica. Foram coletadas respostas contendo uma ou mais construções imagéticas, sendo que 60 imagens foram efetivamente utilizadas na apresentação dos resultados. As respostas descartadas não alcançaram o objetivo da pesquisa, ou estavam incompletas, uma vez que não constava alguma etapa da pesquisa.

Após a seleção das imagens e dos comentários relativos a essas imagens considerados adequadas, foi feita a subdivisão das imagens obtidas em 6 grandes categorias, sendo elas: escola e trabalho; escola e sociedade; escola e formação cultural; escola e conhecimento; escola e política e escola e moralidade.

As imagens foram analisadas individualmente junto com as respostas das demais etapas de sua produção para sua classificação, posteriormente, ao término das análises, foram construídos 6 mosaicos que apresentaram os argumentos em prol da defesa da educação escolar voltados para os aspectos principais de cada categoria listada.

2 UM NOVO OLHAR PARA A ESCOLA

Quando se trata de ambiente escolar, logo imaginamos um prédio construído de paredes, salas de aula, quadras esportivas e talvez um pátio bem decorado. Na construção imaginária do que é um ambiente escolar ideal muitas vezes desconsideramos as relações existentes dentro e fora dele, sem nos atentar ao fato de que o que realmente constrói o ambiente são as relações existentes nele.

O espaço escolar é sim construído por sua estrutura física, mas não se limita a ela, a estrutura física garante espaços adequados para as atividades educacionais, mas o que torna esse um lugar de aprendizagens são as relações existentes nele. Piaget (1970) dizia inclusive que os espaços de vivências representam uma experiência decisiva na aprendizagem e na formação das primeiras estruturas cognitivas da criança.

Dessa forma, consideramos que o espaço escolar não é construído de forma aleatória e despreocupada, mas sim, é feito com o intuito de atender às demandas da sociedade e se relacionam profundamente com os objetivos que se pretende alcançar com a educação. O espaço é construído a partir das vivências e experiências daqueles que o compõem e têm inúmeras influências destes em sua constituição.

Buscamos então apresentar um novo olhar para o ambiente escolar, baseado não apenas em sua estrutura física, mas sim nas relações existentes e como elas auxiliam na construção do ambiente, tornando-o humano e demonstrando as razões pelas quais a educação escolar precisa ser defendida enquanto espaço de aprendizagem e de formação cultural. Ao se tratar das questões educacionais, é importante nos voltarmos para os principais espaços físicos onde a educação ocorre, nas escolas.

As escolas deveriam ser construídas de forma a possibilitar a melhor experiência educativa para seus alunos, mas são historicamente construídas de forma a se separarem da família, delimitando as relações de cada espaço, o que de certa forma inviabiliza uma boa comunicação entre família e escola. Masschelein e Simons (2014) chegam a afirmar que:

A forma específica das salas de aula e *playgrounds* apresenta, no mínimo, a possibilidade de, literalmente, se tornarem separados do tempo e do espaço da família, da sociedade ou do mercado de trabalho e das leis que os presidem a esse respeito. Isso pode ser alcançado não só através da forma construída na sala de aula (a presença de uma mesa, o quadro-negro, a disposição das bancadas de trabalho de tal maneira facilitar a interação tátil etc.), mas também através de todos os tipos de métodos e ferramentas (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 14).

Na Grécia antiga, a escola era vista como um espaço de liberdade, onde havia o objetivo de quebrar com os prejuízos causados pelas divisões por classe social, como afirmam Masschelein; Simons (2014, p. 10), “a escola fornecia *tempo livre*, isto é, para aqueles que por seu nascimento e lugar na sociedade (“sua posição”) não tinham direito legítimo de reivindicá-lo”, o que se modifica hoje, visto que as escolas são construídas muitas vezes com salas de aula pequenas, pouco iluminadas, não arejadas e com grades nas janelas e corredores, as instituições escolares acabam perdendo o aspecto libertador e se tornando aprisionadoras para os estudantes, além do fato que muitas vezes as salas de aula são organizadas de forma que em todas as situações de ensino o professor fique à frente da turma, que deve se organizar de forma enfileirada, demonstrando que o professor é o único detentor do saber ali dentro, e que os alunos devem estar prontos a receberem o conteúdo “derramado” sobre eles, possibilitando somente um ensino tradicional, que se transfere do professor para o aluno, sendo assim, pouco funcional.

Como dito anteriormente, o ambiente escolar não se constitui apenas pelo prédio onde fica a escola, pelas salas de aula ou espaços que a compõem, ele se constitui a partir das vivências e experiências cotidianas que o envolvem, nas relações existentes ali dentro e da interação entre a comunidade escolar e o ambiente em si, sendo essa interação fundamental para o desenvolvimento dos estudantes. Nóvoa afirma:

O mais importante é construir ambientes escolares propícios ao estudo e ao trabalho em conjunto. Aprender não é um ato individual, precisa dos outros. A autoeducação é importante, mas não chega. O que sabemos depende, em grande parte, do que os outros sabem. É na relação e na interdependência que se constrói a educação (NÓVOA, 2022, p. 44).

Muito do que ocorre dentro dos muros escolares sofre influência do ambiente externo, uma vez que aprendemos com o mundo o tempo todo, com placas, imagens, experiências, relatos que ouvimos, impressões que temos das relações e tantas outras coisas que nos impactam e são interiorizadas por nós. De forma natural nos apropriamos da cultura do mundo que nos cerca e podemos utilizar isso na construção dos ambientes escolares, dessa maneira podemos entender que a forma com que esse mundo se organiza interfere na maneira que a educação será feita dentro das instituições escolares.

Goulart (2009, p. 5), mostra que podemos ver o ambiente escolar como um espaço público que é marcado por influências individuais, alguns em grande escala e outros com menor proporção. As influências presentes no ambiente escolar vêm de experiências prévias que podem ter dado certo em outros ambientes e por isso tem-se a intenção de fazer com que

deem certo no novo ambiente também, nesse caso precisamos compreender como essas modificações no ambiente interferem na aprendizagem.

Influências políticas, sociais, econômicas, expectativas de futuro, objetivos profissionais, tudo isso interfere de forma direta na maneira como vemos o ambiente escolar, e no que queremos e esperamos dele, na forma que acreditamos que os processos de aprendizagem devem ser realizados e em nossa concepção de educação.

Sendo assim, quando se trata de compreender o ambiente escolar não podemos nos limitar ao espaço físico, mas devemos olhar além dos muros, observar as relações e conversar com a comunidade escolar para identificar o que ele representa.

As escolas, podem ser um espaço de suspensão em que o aluno se sinta despreocupado de seguir padrões e atender a expectativas externas, como dizem Masschelein; Simons (2014, p. 15-16).

O que queremos enfatizar é que através dessa suspensão que as crianças podem aparecer como alunos, os adultos como professores, e os conhecimentos e habilidades socialmente importantes como a matéria na escola (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 15-16).

Os ambientes mais rígidos precisam dar espaço a lugares mais flexíveis que permitam aos alunos “(...) descobertas de si mesmo e do mundo, aprendendo a trabalhar, compartilhar e vencer desafios” (IBAM, 1996, p. 11), para que o aluno seja capaz de explorar os conteúdos, provocando assim diversas possibilidades de aprendizagem. Esse tipo de ambiente escolar, possibilita debates, discussões, trocas de informações e um aprendizado mais dinâmico e integral para os estudantes.

Os novos ambientes escolares têm de permitir às crianças e aos jovens experiências que, de outro modo, nunca teriam tido. Por exemplo, o silêncio e a escuta, num tempo em que só ouvimos o som das nossas palavras. Por exemplo, a compreensão do outro, num tempo de tantas “proclamações identitárias”. Por exemplo, a capacidade de nos “desconectarmos” para, assim, descobrirmos que o digital não esgota toda a existência humana (NÓVOA, 2022, p. 47).

Precisa-se pensar em uma escola que não seja apenas atrativa, ela tem que ser capaz de tornar os processos de ensino e aprendizagem eficientes, e verdadeiros, proporcionando aos estudantes experiência que propiciem uma educação integral.

O desenvolvimento e a aprendizagem estão fortemente ligados ao meio em que acontecem, Tudge; Winterhoff (1993), concordam com isso, ao dizerem que o “desenvolvimento é um processo dialético e que as crianças são cognitivamente ativas no

processo de imitar modelos em seu mundo social”, sendo assim, o meio que circunda o aluno se torna um espaço de troca que pode e deve possibilitar aprendizagens.

Os estudantes precisam explorar o meio para se desenvolver de forma completa, e ressignificar as informações que recebem tanto do próprio ambiente como também por parte do (a) professor (a) na sala de aula.

Segundo Jófili (2002), a convicção de Piaget de que as crianças são como cientistas, trabalhando nos materiais de seu mundo físico e lógico-matemático para dar sentido à realidade demonstra a importância do meio social e das relações próximas na aprendizagem.

Com isso, podemos entender que a educação não se faz apenas dentro dos muros escolares, mas vai muito além deles, a aprendizagem se dá o tempo todo, nas trocas e interações que temos com o novo, construindo e reconstruindo conceitos.

A aprendizagem não deve então ser vista como algo que começa e termina dentro da instituição escolar, mas deve ser compreendida como um processo constante, que deve ser estimulada de formas diferentes e diariamente, mas que precisa da escola para que aconteça.

Ao avaliar as respostas obtidas na pesquisa de campo, foi possível observar que entre as razões que surgem para a defesa da instituição escolar muitas vezes surgem experiências vividas pelos estudantes em seu período de formação na educação básica e que impactaram de forma direta nas escolhas desses estudantes e na sua forma de ver o mundo.

As vivências nas instituições escolares, além das salas de aula modificam os estudantes e são tão ou até mais significativas do que os conteúdos ministrados no espaço limitado entre as quatro paredes, daí têm-se a importância de ter um olhar atento para a instituição escolar como um todo.

Esperar uma educação voltada apenas para o indivíduo, em que se espera que cada um aprenda em seu pequeno mundo sem se envolver com os colegas e com o meio é uma forma de desvalorizar os processos de aprendizagem, Hatano (1993) apud Jófili (2002), fala da importância de não dividir a construção de conhecimento social da individual quando diz:

Arguir que o conhecimento é individualmente construído não é ignorar o papel das outras pessoas no processo de construção. Similarmente, enfatiza o papel das interações sociais e/ou com objetos na construção do conhecimento, não desmerece a crucial importância da orientação a ser dada pelo professor (p. 163).

Desta forma, devemos dar mais valor para o conhecimento socialmente construído, às vivências e experiências dos estudantes e deixar de valorizar apenas os conteúdos contidos no currículo escolar, compreendendo que o ensino está além dos muros escolares.

Considerando as experiências vividas por cada indivíduo no ambiente escolar, cada pessoa carrega consigo uma razão para defendê-la, mas, como representar essa defesa de forma que o outro compreenda os princípios e razões que a tornam válida? Como mostrar ao outro um ponto de vista sem ofendê-lo e tornando válida a defesa?

As palavras nos parecem insuficientes para representar os sentimentos que a instituição escolar desperta em cada indivíduo, por essa razão optamos por utilizar como forma de registrar as informações a imagem dialética produzida por intermédio da fotografia, tema que têm destaque nos estudos de Walter Benjamin⁴ e Vilém Flusser⁵, principais referências teóricas apresentadas nesta pesquisa.

⁴Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892- 1940) filósofo, ensaísta e crítico literário alemão foi um dos principais contribuintes para a teoria estética, o pensamento político, a filosofia e a história. Estudou Filosofia Neokhantiana na Universidade Albert-Ludwig de Friburg em Brisgóvia e Lógica em Berlim.

⁵ Vilém Flusser (1920- 1991) nasceu em Praga, em uma família judia. Precisou fugir de seu país na busca por sobrevivência contra a invasão alemã em 1939, chegou ao Brasil em 1940, onde viveu por muitos anos. Flusser não concluiu os estudos formalmente, mas era considerado muito estudioso, teve seu primeiro artigo sobre filosofia da linguagem reconhecido em 1957 e sem concluir nenhum curso de ensino superior chegou a lecionar na Faculdade Armando Alvares Penteado (FAAP) e no Departamento de Humanidades do Instituto Tecnológico da Aeronáutica em São José dos Campos. Em 1963, publicou seu primeiro livro *Língua e Realidade*, que foi o primeiro de muitos. Em 1972 decide regressar à Europa, onde viveu até seu falecimento em 1991, vítima de um acidente automobilístico.

3 A QUESTÃO DAS IMAGENS EM WALTER BENJAMIN

Como forma de representação da escola, optamos por utilizar a fotografia, tema muito estudado por Walter Benjamin, que a entendia como uma produção técnica que vai muito além de uma espécie de “cópia da realidade”. Benjamin enxergava a potencialidade da fotografia, enquanto grande parte das pessoas via a fotografia em sua forma tradicional, como “um conceito imitativo que limita sua função à tarefa de reprodução da natureza” (PALHARES, 2019, p. 259). Benjamin via sua capacidade de “ampliar os limites do real”, mas para a fotografia alcançar esse patamar, ela precisa de técnica.

A técnica é tratada por Benjamin em suas obras, e conceituada em duas formas, a primeira técnica, trata das diferentes formas de reprodução da arte, Palhares, ao se referir aos estudos de Benjamin, traz que para ele:

Seguem o desenvolvimento histórico-social da técnica ao longo do tempo, e que no século 19 vive um momento crucial com a invenção da fotografia enquanto uma nova *Reproduktionstechnik*, (técnica de reprodução). Segundo sua argumentação, a fotografia é o estágio mais avançado do que o autor chama de “reprodução de imagens” (*bildlicher Reproduktion*): atividade de imitar, por razões e meios diversos a obra de arte. É importante notar que desde o início do ensaio, o autor se refere a essas cópias pelo termo imitação (*Nachbildung*). Logo, se há uma diferença de intensidade entre as cópias feitas à mão e aquelas que se utilizam de alguma técnica mecânica (PALHARES, 2019, p. 257-258).

Assim, com o surgimento da fotografia, a cópia ganha um novo instrumento capaz de ampliar o olho humano. A simples cópia, tratada como *Abbild* (representação fiel e definitiva da natureza) ganha um novo sentido, aplicando-se na imagem a capacidade de produzir um movimento dialético em relação ao seu significado. Taísa Palhares citando Benjamin traz que:

A nova invenção não tem uma direção unívoca: ela tanto pode permanecer presa ao paradigma da imitação-cópia, enquanto se contenta em ser uma réplica fiel do mundo; ou verdadeiramente produzir uma imagem inédita do mundo visível. Para o autor, a fotografia como imagem técnica reproduzível pode seguir os dois caminhos. Contudo, é apenas no segundo caso que abre novos sentidos para a arte no século 20, isso a partir das potencialidades inscritas na própria técnica (PALHARES, 2019, p. 258).

Desta maneira, temos a segunda técnica, que vêm tratar a imagem como *Bild*, e que se configura pela atividade constante e sempre mutável de construção/desconstrução do visível, apresentando um olhar para o que está invisível. Neste sentido, se buscamos aqui representar

as ideias sobre a instituição escolar, a fotografia nos será muito útil, pois assim como Benjamin, consideramos:

que o papel da fotografia não era o de duplicação da natureza, mas que por meio da câmera fotográfica era possível tornar visível aquilo que nosso “instrumento óptico” (o olho), não consegue “capturar” sem ela (a câmera). Assim, a fotografia é capaz de produzir uma “imagem conceitual” que ultrapassa a mera objetividade. Ela amplia os limites do real, na medida em que “se pode dizer que nós vemos o mundo com olhos inteiramente diferentes (PALHARES, 2019, p. 259).

A fotografia é utilizada aqui, como uma maneira de buscar traduzir em imagem o pensamento daquele que a constituiu, na tentativa de trazer à tona a imagem mental que tem sobre a escola, sobre a defesa desta e sobre memórias que a mesma desperta. Benjamin tem a ideia de que pequenas textos referentes a acontecimentos do passado podem ser vistos como retratos dos fatos, segundo Muricy (2009, p. 12), “estes ‘retratos’ constituem exemplos do que chamava de *imagens dialéticas* de uma época, isto é, experimentos de linguagem capazes de apresentar-se como um conhecimento instantâneo”, sendo assim, quando tratamos de imagens dialéticas, temos imagens construídas em nossas mentes e que são capazes de nos remeterem a acontecimentos do passado, como uma memória que se traduz em fotografia mental.

A fotografia pode ser vista então como uma manifestação artística, carregada de significados, explícitos ou não, sobre isso, Moholy- Nagy, citado por Palhares diz que:

Se a arte tem como missão estabelecer novas conexões entre os fenômenos conhecidos e desconhecidos, e a criatividade deve estar a serviço do desenvolvimento humano, o aparato técnico, como extensão do corpo, serve à ampliação do mecanismo funcional que compõe o homem (PALHARES, 2019, p. 259).

E é exatamente neste ponto que a fotografia se encaixa nesta pesquisa, no sentido de produzir, não apenas uma cópia do real, mas trazer à tona novos significados. Palhares nos mostra isso ao afirmar “não basta que o fotógrafo ‘reproduza’ uma cópia do mundo a partir das relações já conhecidas a olho nu, mas antes ‘produza’ mediante o uso da técnica, relações novas e inesperadas” (PALHARES, 2019, p.259).

A fotografia aqui, tem um sentido de arte. Palhares (2019) destaca:

Cabe ressaltar que há, como pano de fundo dessa discussão, um debate com a própria história da estética filosófica, na medida em que na passagem da “fotografia como arte” para “a arte como fotografia” o que se transforma, em

última instância, é a própria definição de arte. De uma noção desgastada (e sem função social) da arte como mera imitação do real (no sentido da representação como cópia fiel do mundo), passa-se ao conceito de “construção”, “montagem” ou “jogo”: palavras que por si só sugerem uma atividade de intervenção no real (PALHARES, 2019, p. 261).

As imagens produzidas para representar a defesa ou crítica da educação escolar são construídas então das relações entre a arte (fotografia) e a natureza (escola). Benjamin retrata essa relação da seguinte forma:

Na primeira, o homem conserva uma distância apropriada a fim de produzir uma imagem a partir de um ponto de vista único e totalizante. Com isso, a relação com a natureza permanece no âmbito da magia, daquilo que é inalcançável, apesar de sua representação. No segundo, o homem penetra na natureza e dela se aproxima por meio do recorte de suas partes, que reunidas irão apresentar uma imagem que assume não uma perspectiva total e unitária, mas aberta e inacabada: um jogar junto entre o sujeito e seu objeto que pressupõe o começar sempre de novo. Será essa imagem “construída” e “montada” a partir de fragmentos (que só é possível por causa da experiência desencantada que os homens têm da natureza na modernidade, ou seja, uma nova percepção), muito mais valiosa para a organização social do novo homem do que a ilusão da imagem totalizante (PALHARES, 2019, p. 262).

Assim, os autores das fotografias, primeiro precisam se afastar do que desejam representar, captar os elementos que gostariam de destacar e só a partir disso se reaproximar do objeto, trazendo à tona, aquilo que poderia passar despercebido em um olhar desavisado. E cada imagem produzida, mesmo que seja do mesmo ambiente se torna única, uma vez que a experiência e as memórias de cada um interferem na produção da imagem.

As fotografias perpassam a ideia de mimese no que tange a capacidade e a busca por imitar o real, por representá-lo. Benjamin tenta ressignificar a mimese fugindo de sua tradução tradicional:

Apesar de ser impossível desenvolver com profundidade aqui o papel que esse conceito possui para seu pensamento, cabe notar que o que chama de comportamento mimético não se restringe à origem da obra de arte. Mas em um sentido antropológico, diz respeito a uma faculdade humana tão fundamental quanto a razão. É “aquela capacidade suprema de produzir semelhanças”, e que está presente nas brincadeiras infantis em que a criança não se limita à imitação de pessoas, também brinca de ser “moinho de vento e trem” (PALHARES, 2019, p. 263).

Na construção da imagem técnica como obra de arte o autor brinca com aquilo que quer representar, se aproxima e se afasta do objeto de maneira que busca semelhanças naquilo que pretende, este fato se relaciona com o jogo, que nesse caso:

está próximo do que seria a atividade lúdica no sentido do ludus. E lembramos que o substantivo das Spiel e seu verbo spielen possuem uma diversidade de significados (brincadeira, jogo, teste, representar, atuar, tocar, executar, fingir etc.) que a língua portuguesa não abarca, e que estão latentes no pensamento de Benjamin. Trata-se, pois, de um outro caminho de apreensão do mundo, em que aquele que joga se coloca numa posição aproximada e de semelhança com seu entorno. Como observa Huizinga, “o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa ‘imaginação’ da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens)” (PALHARES, 2019, p. 263-264).

Nesse sentido, o surgimento da segunda técnica para Benjamin aparece quando acontece o jogo, ou seja, o artista se afasta de seu objeto, para compreendê-lo e só então voltar a se aproximar dele. Por brincar com o que se pretende representar, o fotógrafo cria sempre algo inédito, e isso Benjamin considera como algo fundamental na fotografia e no cinema, que utilizam de técnicas e valores estéticos capazes de produzir interpretações e outros sentidos e então ser possível explorar essas mediações imagéticas de maneira emancipatória, na medida em que as imagens que produzem instauram uma estranheza naquilo que era o sempre igual.

Em busca por compreender o outro e suas razões para defender certo ponto de vista Walter Benjamin utiliza as alegorias, termo originário do latim *alegoria* que significa, ato de falar sobre outra coisa, e para Benjamin se trata de “mortificar os fenômenos para salvá-los, isto é, para furtá-los de uma certa forma de transmissão – uma tradição que é catástrofe – tudo se transforma em texto. A filosofia de Benjamin quer ‘ler o real como um texto’” (MURICY, 2009, p. 16) utilizando-se deste recurso podemos entender que a representação da escola nem sempre fica explícita em um texto ou imagem, pelo contrário, pode estar escondida por trás da mesma, ocultando uma mensagem que só pode ser decodificada com um olhar atento e muitas vezes com o auxílio daquele que a produziu.

Ao utilizarmos de imagens dialéticas trazemos à tona elementos do passado e do presente que juntos são capazes de construir sentido e, produzir um pensamento, sendo assim, ao optarmos pela construção de imagens que representem a escola, utilizamos elementos do passado e do presente que contribuem juntamente para comunicar o outro de nossas intenções, Muricy (2009), traz uma reflexão a respeito do que Benjamin encontra nas alegorias de Baudelaire de que:

A imagem dialética é a projeção na atualidade, das fantasias e desejos da humanidade – o encontro do Outrora e do Agora. A imagem dialética, isto é, a dialética parada, é ambivalente: é o sonho e despertar, o arcaico e o atual (...). Na imagem dialética a relação entre o passado e o presente é arrancada

da continuidade temporal. Não há um desenrolar dialético, mas um salto que se imobiliza. É a produção de um conhecimento imediato sobre um objeto histórico constituído simultaneamente, por sua vez, nessa imobilização. O espaço desta imobilização é a linguagem – o médium das imagens dialéticas (MURICY, 2009, p. 237).

Desta maneira, as imagens dialéticas aqui produzidas transmitem por meio de imagens do passado, mais do que aquilo que vemos, trazem também, seus significados ocultos, as vivências e experiências vividas nos ambientes retratados, assim como sua importância para aquele que o registrou.

As imagens remetem ao momento exato em que a memória se encontra com o concreto, e passa a ser necessário traduzir a utopia em imagem, com o diálogo entre o utópico e o real é possível produzir a imagem dialética. A imagem surge aqui como uma alegoria, que pode ser entendida, conforme afirma Muricy como “uma escrita por imagens em que a fragmentação constitutiva atente tanto à exigência de um conhecimento imediata quanto à natureza do pensamento” (MURICY, 2009, p. 20). Trazendo à tona mais do que a imagem que se vê em primeiro plano, mas os significados ocultos nela, Benjamin trata disso ao comentar sobre uma exposição de arte chinesa, quando destaca que as pinturas não eram apenas representações exteriores de um pensamento que se constituía na mente do filósofo. Nessas pinturas, o pensamento se apresenta imediatamente na imagem. Esta não é um meio para ele: a imagem é pensamento, o pensamento é imagem, assim como as imagens coletadas na pesquisa, representam mais do que aquilo que vemos superficialmente.

A construção da imagem dialética mostra-se algo complexo, uma vez que não são facilmente decifradas, elas carregam em si mais do que se vê em um olhar desatento, a verdade que se tem está ocultada. Benjamin citado por Muricy (2009, p. 243), diz que “a construção da verdade se assemelha à construção dos mosaicos, onde o todo resulta do descontínuo, das diferenças justapostas, onde a verdade é da ordem da construção, da imagem, da materialidade”, assim sendo, ao construir suas imagens dialéticas, cada estudante justapôs suas ideias, sentimentos e verdades em prol de uma defesa concreta de seus ideais.

Assim sendo, ao analisarmos as construções imagéticas buscamos uma fuga do olhar natural, e uma busca pelo invisível, Muricy (2009), traz essa ideia de Benjamin da seguinte forma:

A visibilidade pretendida não é a de uma “visão natural”, isto é, não é a visibilidade dos fenômenos (não se trata de uma sociologia fenomenológica). A visibilidade pretendida é a que permite “ver” no antigo o atual, isto é, a que estabelece uma correspondência figurativa entre o passado e o presente.

Esta visibilidade resulta de uma dupla construção: 1º- a confecção de elementos singulares (...) como a fórmula de Nietzsche, ‘pequenas verdades inaparentes, estabelecidas por um método severo’; 2º- a edificação, com esses elementos, de grandes construções, isto é, o momento de “descobrir na análise do pequeno momento singular o cristal do acontecimento total” (MURICY, 2009, p. 244).

Desta forma, nesta pesquisa temos novos olhares e representações daquilo que consideramos costumeiros, e imagens que parecem comuns, mas revelam mais do que o que é visto por um olhar desatento.

4 FLUSSER E A LEITURA DE IMAGENS

Quando falamos em imagens tendemos a cair no erro de pensar nas imagens comuns⁶, mas aqui, as imagens ganham um significado que vai além disso. São imagens técnicas, que de maneira simples são definidas como “imagem produzida por aparelho” (FLUSSER, 1985, p. 5), mas tem um significado ainda mais profundo.

Segundo Flusser, imagens técnicas são “produtos indiretos de textos” (1985, p. 10), neste trabalho elas são utilizadas para expressar aquilo que as palavras não conseguem revelar, “as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo” (FLUSSER, 1985, p. 10), sendo assim, podemos considerar que as ideias estão impressas nas imagens construídas.

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo (FLUSSER, 1985, p. 10).

Por esse motivo, deve-se estar atento ao analisar as imagens que constituem este trabalho, por seu poder de ocultar o que está diante dos nossos olhos de maneira tão sutil, elas precisam ser decifradas e interpretadas a fim de revelar o que realmente querem expressar, daí que a interpretação das imagens vem complementado da interpretação dos relatos feitos por aqueles que a fizeram e que acompanham as imagens, Flusser diria que “decifrá-las é reconstruir os textos que tais imagens significam. Quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo o seu universo de significado” (1985, p.10).

Tal tentativa de decodificar as imagens técnicas não pode ser vista como uma revelação da verdade absoluta sobre a imagem, mesmo que se chegue perto do que o autor quis transmitir o observador é incapaz de saber o que se passou na cabeça do artista no momento da construção imagética e o processo codificador pelo qual o objeto “real” passou para se transcodificar em fotografia ou imagem técnica, buscamos, portanto, uma aproximação do significado e não uma exatidão a respeito dela.

⁶ Superfície significativa na qual as ideias se inter-relacionam magicamente (FLUSSER, 1985, p. 5).

Na construção da imagem, o fotógrafo⁷ se utilizou do aparelho fotográfico⁸ como câmeras fotográficas, celular, entre outros, explorando suas potencialidades a fim de conseguir imprimir na imagem obtida suas intencionalidades, escolhas e opiniões e nós buscamos aqui revelar o que foi pretendido.

As imagens aqui apresentadas podem e por muitos serão vistas como simples fotografias, mas têm um caráter e capacidade de nos transmitir mensagens que foram ocultadas por seus criadores no momento de cada registro.

Como dito anteriormente, não pretendemos elaborar uma verdade absoluta sobre as imagens, mas extrair o máximo de informações possíveis contidas nelas.

As imagens foram todas produzidas de maneira manual, com o auxílio de instrumentos tecnológicos, aqui denominados “aparelhos”, para Flusser “etimologicamente a palavra latina *apparatus* deriva dos verbos *adparare* e *praeparare*. O primeiro indica prontidão para algo; o segundo, disponibilidade em prol de algo”, considerando isso, as câmeras fotográficas e celulares utilizados para captarem as imagens apresentadas, são consideradas aparelhos, pelo fato de estarem e serem programados para captar e reproduzir imagens.

Os autores das imagens, aqui denominados fotógrafos buscaram através destes aparelhos extrair de suas funções condições para produzir imagens que representem seus pensamentos, mas inevitavelmente se mantendo dentro do programado pelo aparelho, segundo Flusser, “as fotografias são realizações de algumas potencialidades inscritas no aparelho. O número de potencialidades é grande, mas limitado: é a soma de todas as fotografias fotografáveis pelo aparelho”, sendo assim, torna-se necessário buscar outros recursos para a construção imagética. Para tanto realizaram edições fotográficas, aplicaram filtros e até mesmo fizeram colagens com diversas imagens para compor suas apresentações.

Além de explorar as condições do aparelho fotográfico, o fotógrafo fica encarregado de definir o que e como fotografar, buscando encontrar no todo aquele elemento que faça sentido para o que deseja representar, sobre isso Flusser faz uma analogia entre o objeto fotografado e a “caça” capturada por um caçador:

A selva consiste de objetos culturais, portanto de objetos que contém intenções determinadas. Tais objetos intencionalmente produzidos vedam ao fotógrafo a visão da caça. E cada fotógrafo é vedado à sua maneira. Os caminhos tortuosos do fotógrafo visam driblar as intenções escondidas nos objetos. Ao fotografar, avançam contra as intenções da sua cultura. Por isso,

⁷ “Pessoa que procura inserir na imagem informações imprevistas pelo aparelho fotográfico” (FLUSSER, 1985, p. 5).

⁸ Ao nos utilizarmos do termo Aparelho fotográfico nos apropriamos da definição de Flusser que é “brinquedo que traduz pensamento conceitual em fotografias” (FLUSSER, 1985, p. 5).

fotografar é gesto diferente, conforme ocorra em selva de cidade ocidental ou de cidade subdesenvolvida, em sala de estar ou campo cultivado. Decifrar fotografias implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições culturais dribladas (FLUSSER, 1985, p. 18).

No processo da “caça” do que irá fotografar, o fotógrafo precisa refletir sobre o que deseja e traçar seus objetivos para que assim consiga alcançar o ápice na fotografia, já que não consegue alterar o funcionamento da máquina fotográfica, ele precisa extrair do meio o máximo de coisas que o auxiliem na obtenção de seus interesses. O fotógrafo manipula o aparelho para buscar revelar seus desejos, mas para tanto precisa ter definido o que deseja alcançar, sobre isso Flusser afirma:

Para fotografar o fotógrafo precisa, antes de mais nada, conceber sua intenção estética, política, etc., porque necessita saber o que está fazendo ao manipular o lado *output* do aparelho. A manipulação do aparelho é gesto *técnico*, isto é, gesto que articula conceitos. O aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-las em imagens. (...) Fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas (FLUSSER, 1985, p. 19).

Diante disso surge a necessidade ainda maior de atenção na análise crítica das imagens que compõem este trabalho, pois a análise das imagens técnicas aqui denominadas fotografias não é simples, para Flusser o ponto crítico da análise crítica de fotografias é que “ao contrário da pintura, onde se procura decifrar *ideias*, o crítico de fotografia deve decifrar, além disso, *conceitos*”⁹ (FLUSSER, 1985, p. 22) daí sua complexidade.

Para a análise de imagens em Vilém Flusser é preciso retirar-la do tempo e espaço linear ao qual somos acostumados, e movê-la para o campo do imaginário, as imagens devem ser vistas em um contexto próprio e decodificadas para serem compreendidas, para ele, a imaginação seria vista como a “capacidade de compor e decifrar imagens” (FLUSSER, 1985, p. 5), sendo assim, ao vermos uma fotografia devemos permitir que nossa mente investigue o que está por trás dela, removendo os múltiplos elementos que a compõem e buscando a intenção real daquele que a produziu.

Muitas vezes consideramos que ao primeiro olhar para uma fotografia já sabemos de todo o seu conteúdo, no entanto o autor nos alerta que um olhar desatento:

produzirá apenas um significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem (FLUSSER, 1985, p. 7).

⁹ “Conceito: elemento constitutivo do texto” (FLUSSER, 1985, p. 5).

Uma vez que na análise fotográfica nem sempre o significado estará explícito, devemos olhar cada imagem atentamente, transitando por todos os elementos e assim construindo significados para o que observamos, Flusser afirma:

Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis. (FLUSSER, 1985, p. 7).

Desta maneira, devemos compreender que não estamos tratando de imagens comuns, nem mesmo de contemplar uma fotografia habitual, mas vamos além disso, em imagens que querem e foram produzidas para nos informar, passar uma mensagem que deve ser descoberta.

As imagens aqui apresentadas oferecem maior significado quando agrupadas, pois, representam um compilado de ideias individuais que se complementam e formam argumentos em prol da defesa da educação, juntas elas nos informam de maneira única. De maneira geral o universo fotográfico é assim, uma foto sozinha pode não ter tanto sentido quanto uma sequência delas, Flusser diz:

Quanto à sua estrutura profunda, o universo fotográfico é um mosaico. Muda constantemente de aspecto e cor, como mudaria um mosaico onde as pedrinhas são constantemente substituídas por outras. Toda fotografia individual é uma pedrinha de mosaico: superfície clara e diferente das outras. Trata-se, pois, de universo quântico, calculável (*cálculo*= *pedrinha*), atomizado, democritiano, composto de grãos, não de ondas, funcionando como quebra-cabeças, como jogo de permutação entre elementos claros e distintos (FLUSSER, 1985, p. 34).

Quando se trata da análise dessas fotografias deve-se mergulhar no universo fotográfico, a fim de ter uma maior compreensão do mosaico que se constrói diante de cada argumento em prol da defesa da educação.

Estar no universo fotográfico implica viver, conhecer, valorar e agir em função de fotografias. Isto é: existir em mundo-mosaico. Vivenciar passa a ser recombinar constantemente experiências vividas através de fotografias. Conhecer passa a ser elaborar colagens fotográficas para se ter “visão de

mundo”. *Valorar* passa a ser escolher determinadas fotografias como modelos de comportamento, recusando outras. *Agir* passa a ser comportar-se de acordo com a escolha (FLUSSER, 1985, p.36 – grifos do autor).

Partindo disso, segue a análise dos elementos obtidos, de forma que todos os seus aspectos sejam observados e levados em consideração.

5 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA

Como forma de construir alguns argumentos em defesa da instituição escolar, propomos como procedimento da pesquisa a análise das imagens produzidas pelos estudantes de licenciatura de uma universidade federal em defesa da educação e da instituição escolar. Imagens essas que têm o objetivo de expressar os argumentos/pensamentos utilizados para defender a escola como instituição necessária para a sociedade brasileira. As imagens produzidas também poderiam representar uma crítica à escola, ou seja, expressar pensamentos sobre as necessidades da instituição escolar. Foram selecionadas 60 imagens no período de junho de 2021 a julho de 2022, que foram classificadas em 6 categorias: escola e trabalho; escola e sociedade; escola e formação cultural; escola e conhecimento; escola e política e escola e moralidade.

As imagens foram coletadas por meio de uma atividade pedagógica aplicada na disciplina de Filosofia da Educação na qual foram apresentadas as seguintes etapas de realização:

1- Fotografar objetos, ambientes, situações do cotidiano, pessoas, personagens, prédios etc. que remetem à instituição escolar e, a partir deles criar uma imagem/representação em defesa ou crítica da escola na sociedade brasileira. A imagem artística criada precisaria contemplar alguns dos conceitos tais como: mimese, jogo, imagem-produção (*bild*), imagem dialética, segunda técnica, embriaguez criadora etc. estudados nos textos/artigos científicos sobre Benjamin e/ou Flusser estudados na disciplina.

2- Escrever sobre qual é ideia ou argumento que você está inserindo na imagem como defesa ou crítica da escola.

3- Escrever uma breve explicação sobre qual procedimento adotou para produzir a imagem, que técnica utilizou, que programa ou aplicativo usou.

Ao optarmos pela interpretação das imagens construídas pelos estudantes, temos em mente a necessidade de evitar um olhar descuidado para as fotografias, pelo contrário, devemos realizar um *scanning* por ela, uma vez que segundo Flusser:

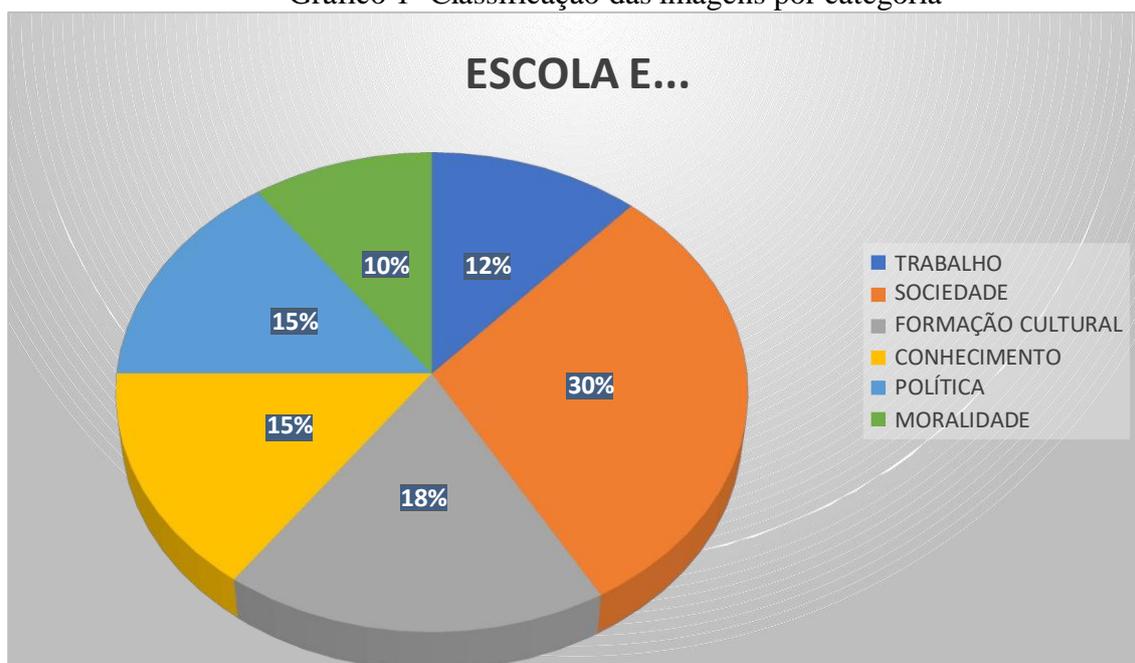
O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método, será, pois, resultado de síntese entre duas “intencionalidades”: a do emissor e a do receptor. Imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são “denotativas”. Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos “conotativos” (FLUSSER, 1985, p. 7).

As imagens produzidas expressam a relação de alguns estudantes de graduação com a educação escolar, suas visões e impressões sobre a mesma e as razões pelas quais ela deve ser defendida.

5.1 Análise geral dos dados

As imagens obtidas foram analisadas e classificadas em 6 grandes categorias, a saber: escola e trabalho; escola e sociedade; escola e formação cultural; escola e conhecimento; escola e política e escola e moralidade, seguindo os relatos dos estudantes a respeito da construção da imagem técnica e aos elementos contidos nas imagens. As imagens ficaram divididas da seguinte forma:

Gráfico 1- Classificação das imagens por categoria



Fonte:

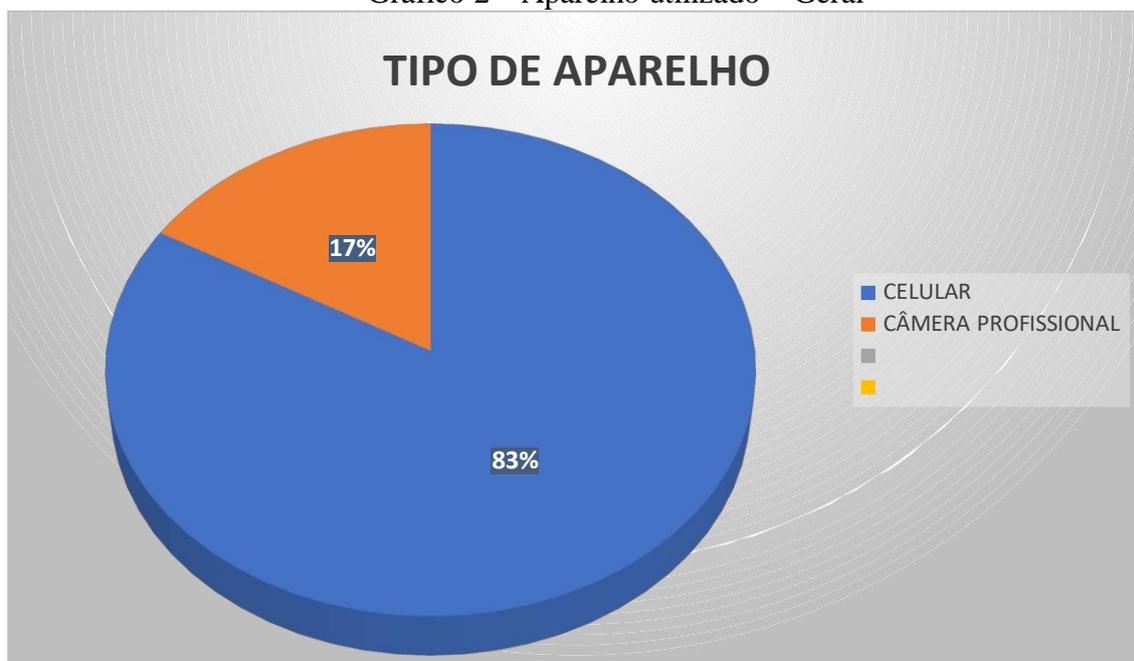
da autora (2023).

De acordo com os dados obtidos 30% (18 pessoas) acreditam e defendem a escola como grande influenciadora da sociedade, em segundo lugar com 18% (11 pessoas) estão defesas baseadas na formação cultural em seguida com 15% (9 pessoas) estão empatados escola e conhecimento e escola e política, seguido por escola e trabalho com 12% (7 pessoas), e como última razão para defesa da escola surge escola e moralidade com 10% (6 pessoas) das imagens.

Deve-se considerar que no ato das análises das imagens não se determinou de forma dogmática o que os estudantes pretendiam expressar com as imagens que produziram, mas sim buscou-se uma aproximação do que eles buscavam, sendo assim, admite-se a possibilidade de erro nesta classificação, uma vez que enquanto pesquisadores não podemos interpretar os pensamentos de outrem com total exatidão.

Quanto à forma de produção das imagens analisamos alguns elementos, tais como o tipo de aparelho utilizado, a utilização de filtros e/ou efeitos nas fotografias, se houve edição nas produções, se existiu montagem, sobreposição ou colagem de imagens e a utilização de programas e/ou aplicativos na construção das imagens dialéticas, quanto a isso temos os seguintes dados:

Gráfico 2 – Aparelho utilizado – Geral



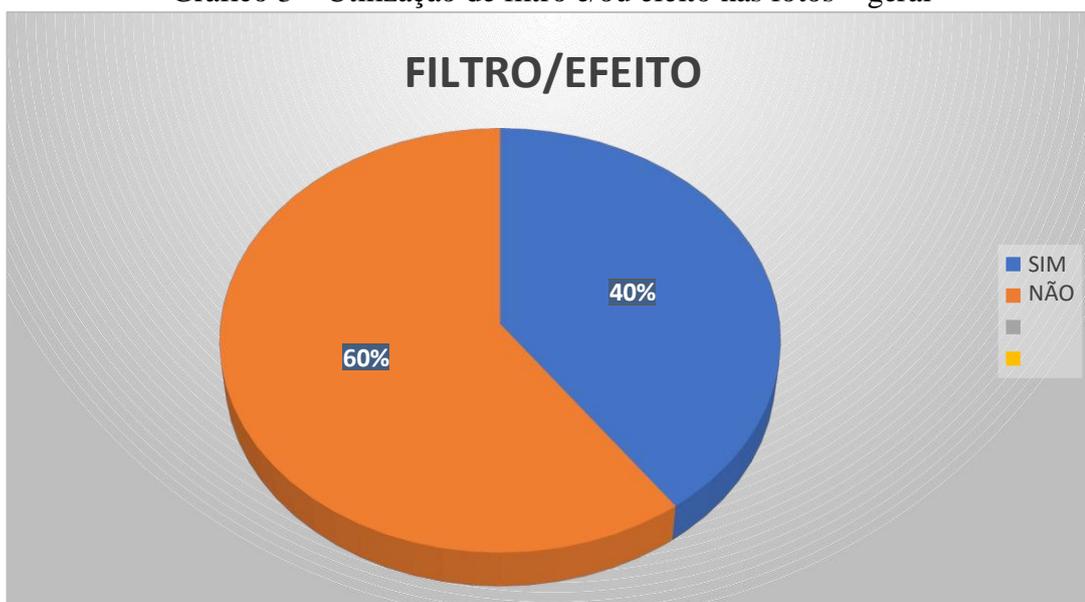
Fonte:

da autora (2023).

Segundo os dados, 83% (50 pessoas) dos estudantes utilizaram a câmera fotográfica de seus aparelhos celulares/smarthphones de diversas marcas e modelos, enquanto 17% (10 pessoas) utilizaram câmeras profissionais no ato de fotografar.

Quanto à utilização de filtros e/ou efeitos nas fotografias temos o seguinte gráfico:

Gráfico 3 – Utilização de filtro e/ou efeito nas fotos – geral

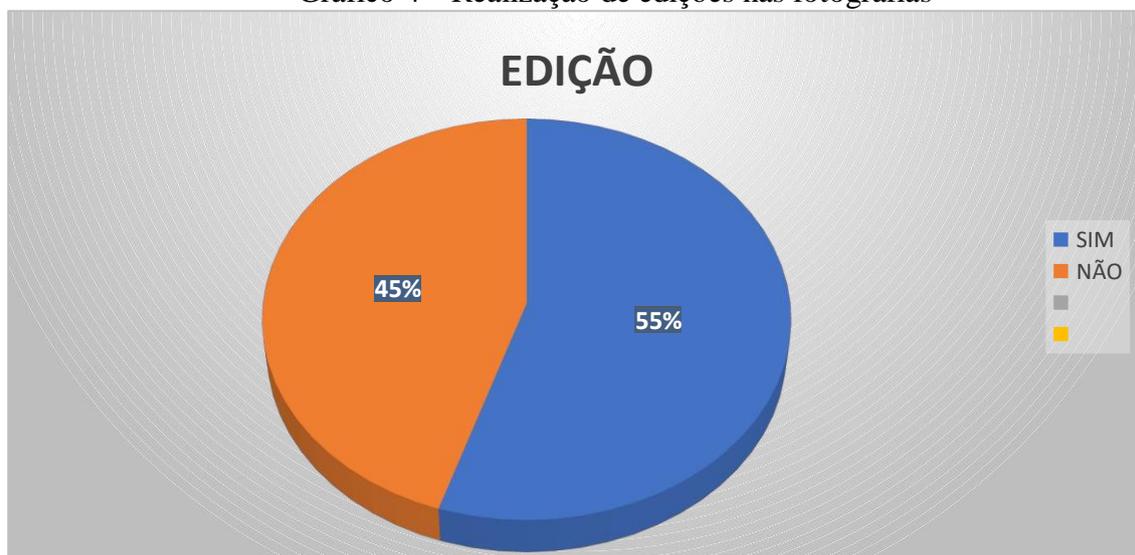


Fonte: da autora (2023).

O gráfico demonstra que 60% (36 pessoas) negam ter utilizado algum tipo de efeito ou filtro nas imagens, em contrapartida, 40% (24 pessoas) afirmam ter utilizado esses recursos.

Quanto à realização de edições nas fotografias temos que:

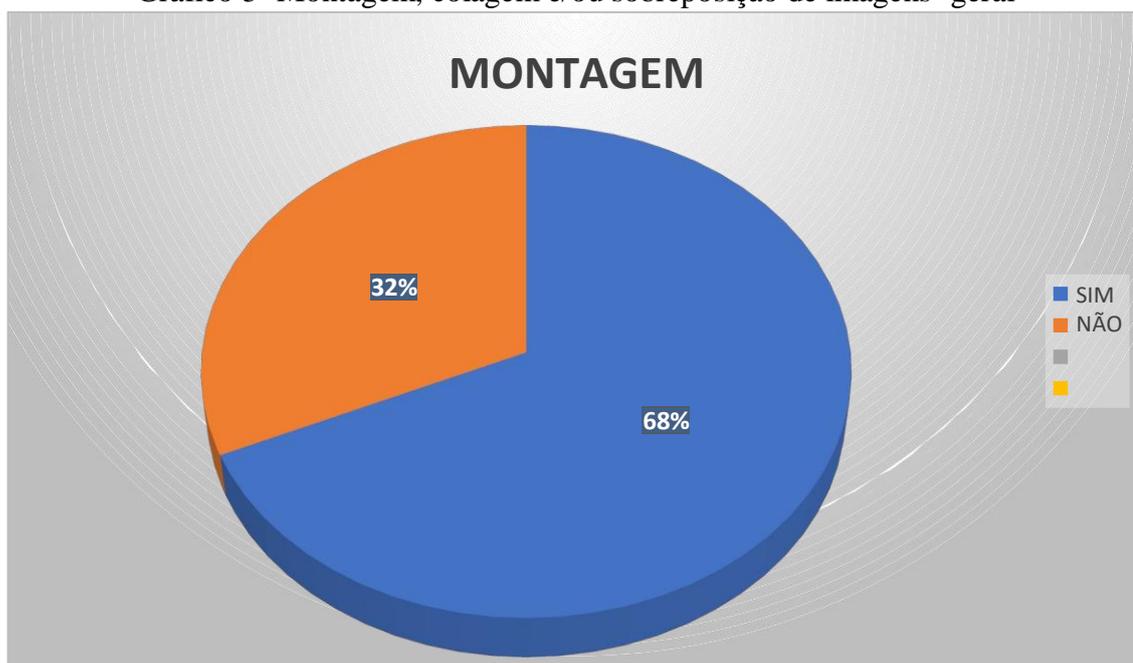
Gráfico 4 – Realização de edições nas fotografias



Fonte: da autora (2023).

Quanto à realização de edições nas fotografias, 55% (33 pessoas) afirmam ter realizado alterações nas imagens, enquanto 45% (27 pessoas) não editaram as fotografias.

Gráfico 5- Montagem, colagem e/ou sobreposição de imagens -geral

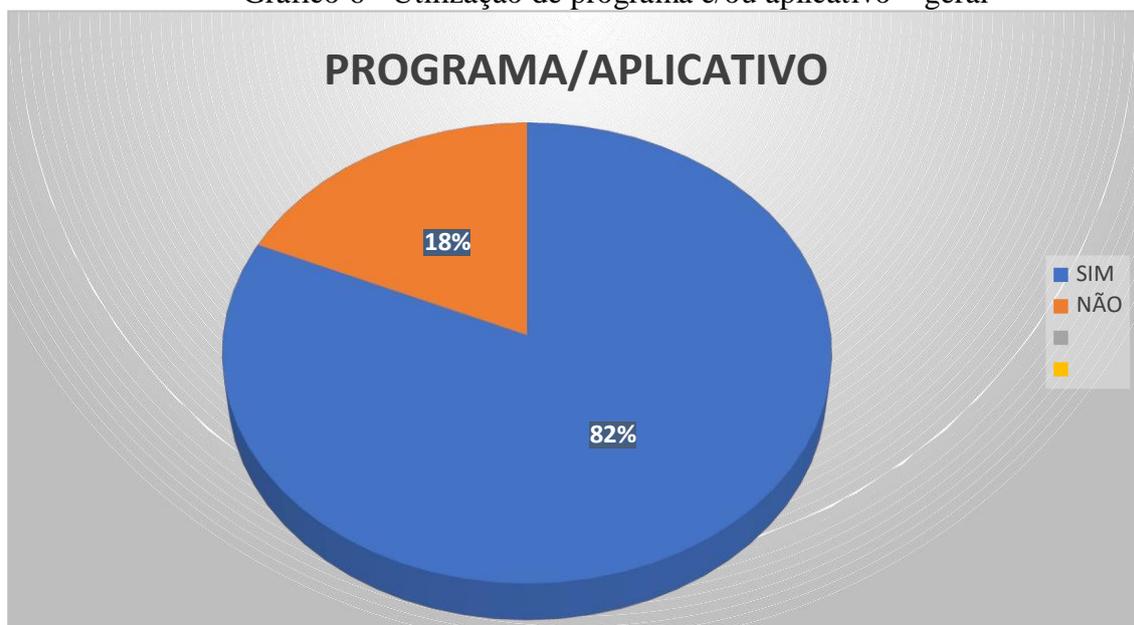


Fonte: da autora (2023).

Com relação a construção de montagens, colagens ou a sobreposição de imagens 68% (42 pessoas) utilizaram algum desses recursos, enquanto 32% (21 pessoas) não o fizeram.

A última análise é quanto a utilização de algum aplicativo ou programa de edição:

Gráfico 6 - Utilização de programa e/ou aplicativo – geral



da autora (2023).

Fonte:

A respeito da utilização de programas ou aplicativos na constituição das imagens, 82% (49 pessoas) afirmam ter utilizado pelo menos um dos recursos, enquanto 18% (11 pessoas) negam a sua utilização.

6 IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA

6.1 Escola e trabalho

Nesta primeira categoria, apresentamos como argumento para a defesa da escola uma instituição que proporciona uma educação que se relaciona diretamente com o trabalho, que torna o mercado de trabalho algo possível e desejável para os estudantes, que prepara o indivíduo para fazer mais do que lhe é oferecido, em uma busca por alcançar seus sonhos profissionais, trazemos também a escola que faz várias pessoas sonharem em se tornarem professoras(es), pela oportunidade de poderem transformar vidas por meio da educação escolar.

As imagens que compõem esta categoria seguem abaixo:

Figura 1- M. Reflexão sobre a profissão- Escola e Trabalho



Fonte: da autora (2023).

Nesta fotografia temos uma sobreposição em que ao fundo vemos uma jovem estudante em meio aos seus pensamentos que são representados pelas imagens sobrepostas, representando a sala de aula, a ideia foi de representar uma estudante refletindo sobre sua escolha profissional de ser uma docente, nos olhos da jovem notamos a esperança de transformar vidas por meio de sua profissão acompanhada da incerteza causada pela desvalorização profissional que acompanha o docente.

A fotografia utilizou o conceito de jogo de Walter Benjamin fazendo a sobreposição de imagens e brincando com os elementos construindo uma montagem lúdica.

Figura 2- R.F. Patrimônio escolar - Escola e Trabalho



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima representa um prédio escolar, representando o patrimônio escolar e a importância de conservá-lo. É uma fotografia que parece simples, mas carrega bastante significado, o fotógrafo buscou destacar a importância de manter o espaço físico da escola para a garantia de uma educação de qualidade em meio à tantos cortes de investimentos na construção e reforma de instituições escolares. Devemos considerar a importância de um lugar

propício para estudo, e a construção de prédios escolares deve ser feita observando isso, pois um ambiente que não favorece a aprendizagem, tende a prejudicar a formação de pessoas, e sendo no ensino superior, prejudica a qualidade de funcionários que as universidades entregam para o mercado de trabalho.

O fotografo utilizou-se do conceito de Benjamim que diz que a história contada pela fotografia é substituída pelo que é visto pelo olho, sendo assim, não devemos nos enganar com a simples imagem que se põe diante de nós, mas sim, refletir a respeito dela e extrair seu real significado.

Figura 3- B. Trabalho docente- Escola e Trabalho



Fonte: da autora (2023).

Na imagem produzida temos uma sobreposição de imagens, ao fundo vemos uma criança realizando uma atividade escolar sozinho e sem mediação, sobrepondo a imagem notamos um site no qual é possível acompanhar aulas online sendo aberto para acesso.

A imagem remete ao que foi vivenciado durante a pandemia do COVID-19, em que as pessoas foram afastadas do ambiente escolar e levadas a estudar de forma remota, a fotografia faz uma crítica ao modelo adotado, mostrando a ineficiência de um sistema em que não há mediação entre o estudante e o conteúdo, mediação esta que feita por meio do professor na sala de aula.

A crítica à metodologia aplicada não vem para menosprezar a utilização da tecnologia na educação, mas para demonstrar que ela não é capaz de proporcionar uma aprendizagem tão eficaz quanto a aprendizagem mediada pelo professor na sala de aula, desta forma, valorizando o trabalho docente, principalmente quando tratando da educação básica.

Na construção da imagem notamos a utilização do conceito de Flusser de imaginação “capacidade para compor e decifrar imagens”, neste caso, mais aplicado à primeira capacidade, a de compor imagens, nela a fotógrafa conseguiu inserir vários conceitos que gostaria de transmitir aos observadores das imagens, tornando assim a imagem dialética. Mostrando que por trás do comum (uma pessoa estudando de forma remota), existem vários questionamentos que podem e devem ser levantados.

Figura 4- W. Asas para o aprendizado- Escola e Trabalho



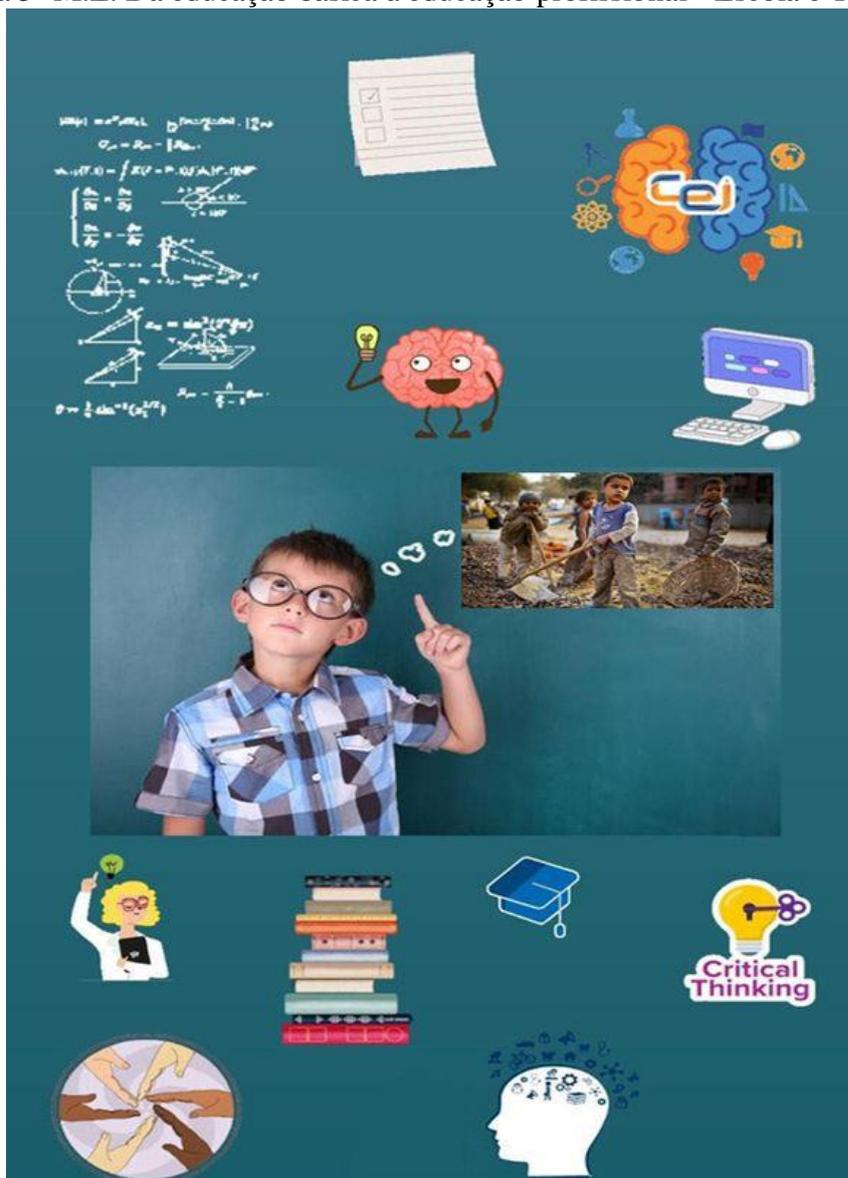
Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos um misto do real com o imaginário, uma imagem composta de elementos distintos e complementares. Como elemento central temos uma escola, por trás dela vemos alguns planetas que segundo o autor representam o mundo de possibilidades que a escola oferece aos seus alunos, podemos notar no canto esquerdo da fotografia o que seria o portão de entrada para a escola sendo representado por uma espécie de “portal mágico” por onde tudo seria possível, vemos ainda pessoas que de certa forma se apressam para adentrar esse universo, em busca de conhecimentos que não são possíveis fora dele.

Na construção da imagem, o fotógrafo utilizou os conceitos que Flusser chama de "quatro dimensões": largura para ter um comprimento e tamanho apropriados para a imagem;

altura, para capturar um ângulo amplo em que o enquadramento caísse de forma certa; a profundidade, como foco no campo da fotografia; por fim, o tempo, em que usou a função do timer para ter um resultado mais firme, sem tremer. Para dar o efeito de colagem na fotografia, o fotógrafo utilizou os conceitos de mosaico e jogo de Benjamin, compondo uma imagem com elementos que remetessem à ideia de defesa da escola.

Figura 5- M.E. Da educação básica à educação profissional - Escola e Trabalho



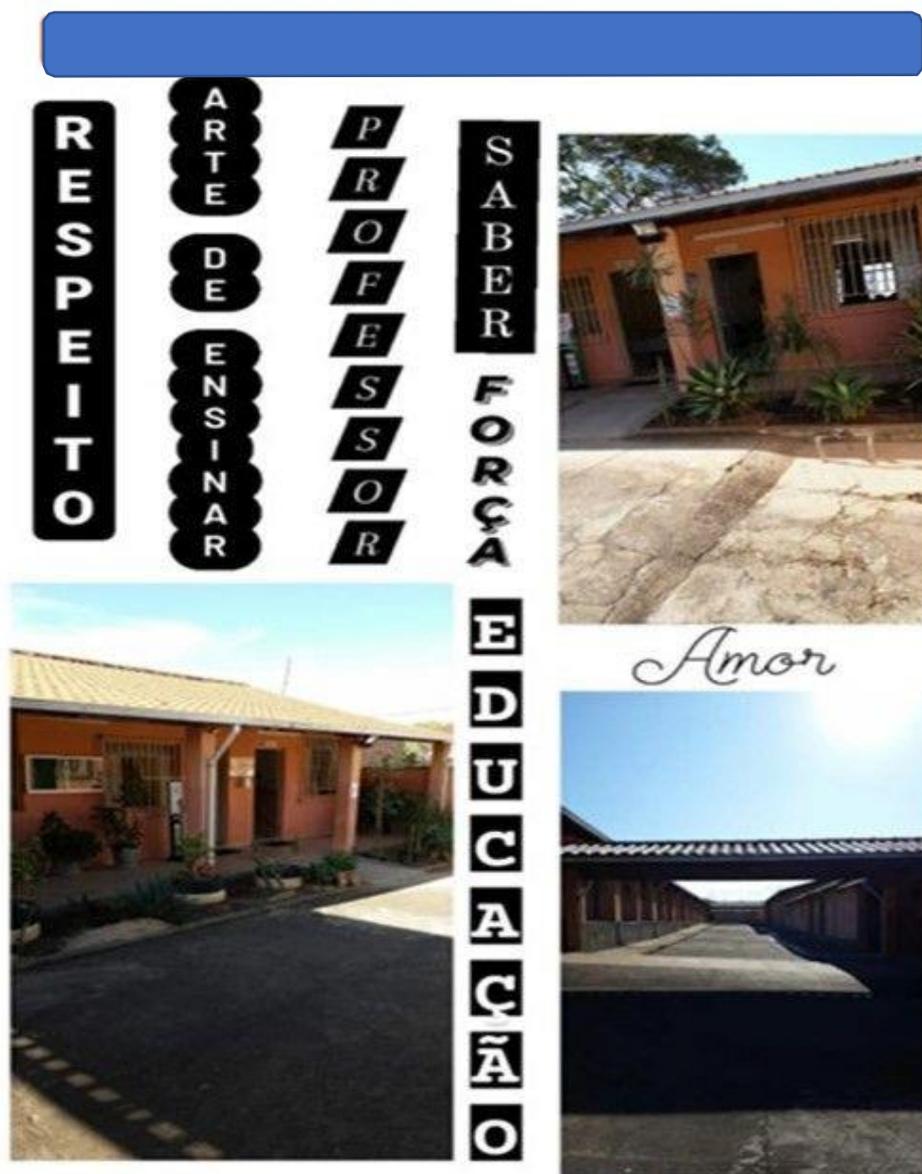
Fonte: da autora (2023).

A imagem produzida é composta de uma sobreposição de várias imagens, como elemento central temos uma criança de óculos pensando sobre algo, representando seus pensamentos observamos um grupo de crianças pequenas em situação de trabalho, e fora dos “pensamentos” percebemos alguns elementos que remetem aos estudos e à tecnologia.

A fotógrafa quer fazer uma crítica ao fato de muitas crianças precisarem deixar o ambiente escolar para entrarem no mercado de trabalho. Percebe-se na imagem que apesar de ter apenas crianças retratadas trata-se de duas realidades totalmente opostas, enquanto um tem a opção de pensar e refletir sobre o que estudar e escolher para o futuro, os outros se veem obrigados a trabalhar para complementar a renda familiar em um ato de busca pela sobrevivência. A imagem buscar destacar essa disparidade e chamar a atenção para a necessidade da garantia da educação para todos, garantindo oportunidades iguais para as pessoas.

A fotógrafa buscou reunir seu conhecimento de mundo e tentou imprimi-lo na imagem técnica produzida, a imagem dialética traz em si elementos que constroem uma ideia, e utiliza da mimese no que se refere à necessidade de interpretação dos objetos contidos na imagem.

Figura 6- G. Amor pela pedagogia - Escola e Trabalho



Fonte: da autora (2023).

Nesta fotografia temos algumas partes de uma escola e uma composição com algumas palavras e frases (respeito, arte de ensinar, professor, saber, força, educação e amor), palavras e frases que remetem ao sentimento da fotografia em relação ao ambiente que retratou.

A fotografia destaca que neste ambiente humilde descobriu a importância da educação, que mesmo em meio a falta de recursos e sofisticação pode transformar vidas, ela se mostra inspirada pelos professores que a acompanharam em seu processo de ensino a seguir a carreira docente e assim transformar vidas assim como a dela mesma foi transformada.

A fotografia fez um jogo entre as imagens e as palavras construindo um mosaico e ampliando o significado da fotografia, demonstrando que aquele é um espaço não só de produção de conhecimento, mas de acolhimento para crianças e adolescentes que podem ser transformados no meio escolar.

Figura 7- A. Trabalhadores no campo - Escola e Trabalho



Fonte: da autora (2023).

Nesta imagem temos dois homens adultos em posições diferentes, um como trabalhador do campo e o outro como estudioso, e uma criança entre eles, que aponta para aquele que tem livros nas mãos. O autor relata que seu objetivo era “ressaltar a importância das instituições de ensino para a ascensão do ser humano”, uma vez que através desta as pessoas alcançam conhecimento técnico necessário para desenvolver diversas funções profissionais, que exigem mais do que o conhecimento prático.

Na imagem podemos observar a intenção do fotógrafo de demonstrar o interesse do menino em buscar uma especialização por meio dos estudos, destacando a importância da escola na entrada no mercado profissional. Demonstra ainda que temos diversas possibilidades para o futuro e que as escolhas feitas na infância podem e irão influenciar no futuro que espera cada um, desta maneira um investimento na escola básica garante um futuro com melhores opções para os estudantes.

O fotógrafo se inspirou nas obras de Sebastião Salgado e utilizando a técnica de mimese jogou com objetos da realidade, causando uma interferência no comum e levando os observadores a pensar a respeito da realidade, de forma que a imagens não é mais comum, mas sim, passa a ter um significado além do que se vê.

6.2 Escola e sociedade

Nesta seção apresentamos uma defesa da escola que mostra como ela atua na sociedade, trazendo conhecimentos e moldando as ações das pessoas, demonstramos como a instituição escolar é capaz de formar cidadão críticos e ao mesmo tempo sensíveis às necessidades do outro, sendo o primeiro ambiente social que os indivíduos frequentam sem a companhia de seus responsáveis, aprendendo a conviver com seus pares, respeitando regras sociais, aprendendo sobre os limites entre o eu e o outro, aprendendo de forma coletiva e colaborativa.

Figura 8- A. P. Escola lúdica- Escola e Sociedade

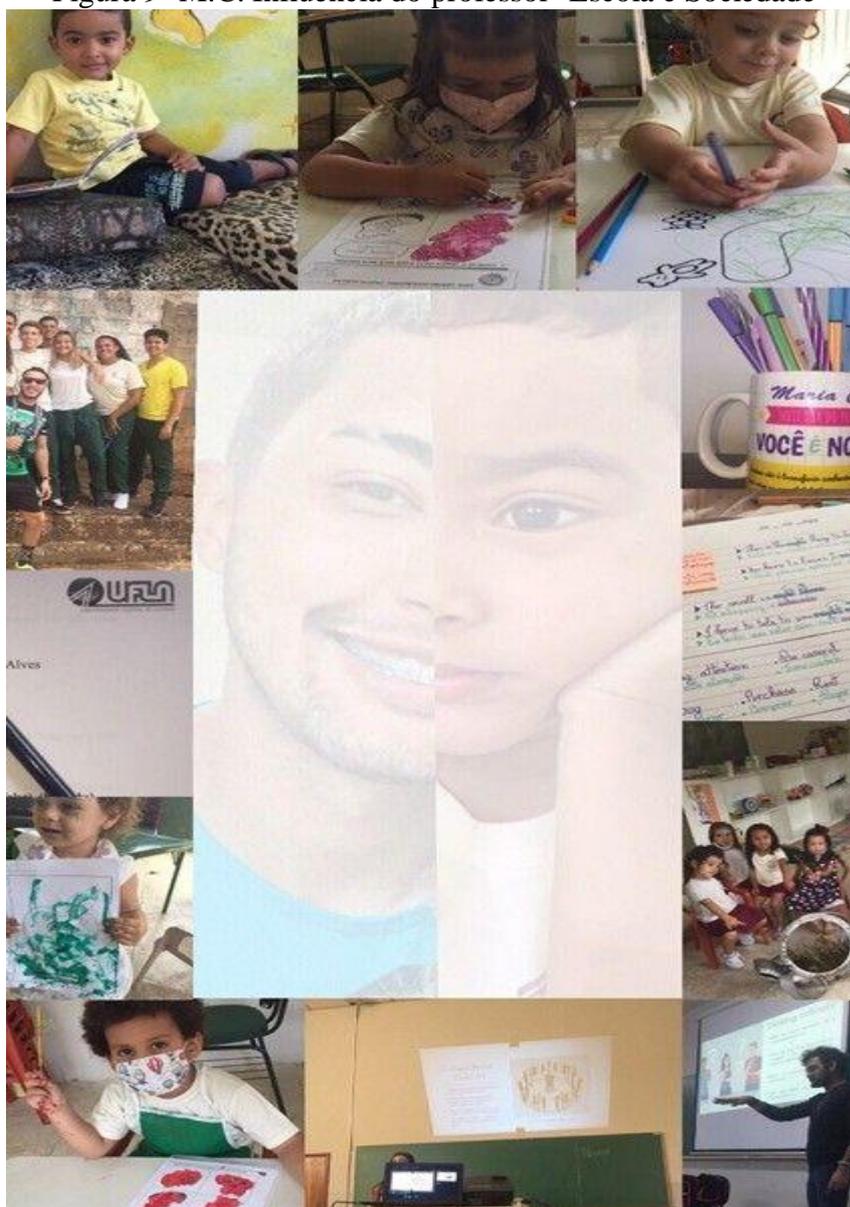


Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos duas crianças brincando de escolinha, uma brincadeira bem comum, nela a menina representa a professora passando a matéria no quadro enquanto o menino faz o papel de aluno escrevendo em seu caderno. A fotografia conta ainda com alguns elementos lúdicos que remetem à ideia de se pensar a educação fora dos padrões tradicionais.

Foi utilizado o conceito de mimese, em que a obra imita a realidade, remetendo ao passado da fotógrafa que tinha como uma das brincadeiras favoritas, o brincar de escolinha.

Figura 9- M.C. Influência do professor- Escola e Sociedade



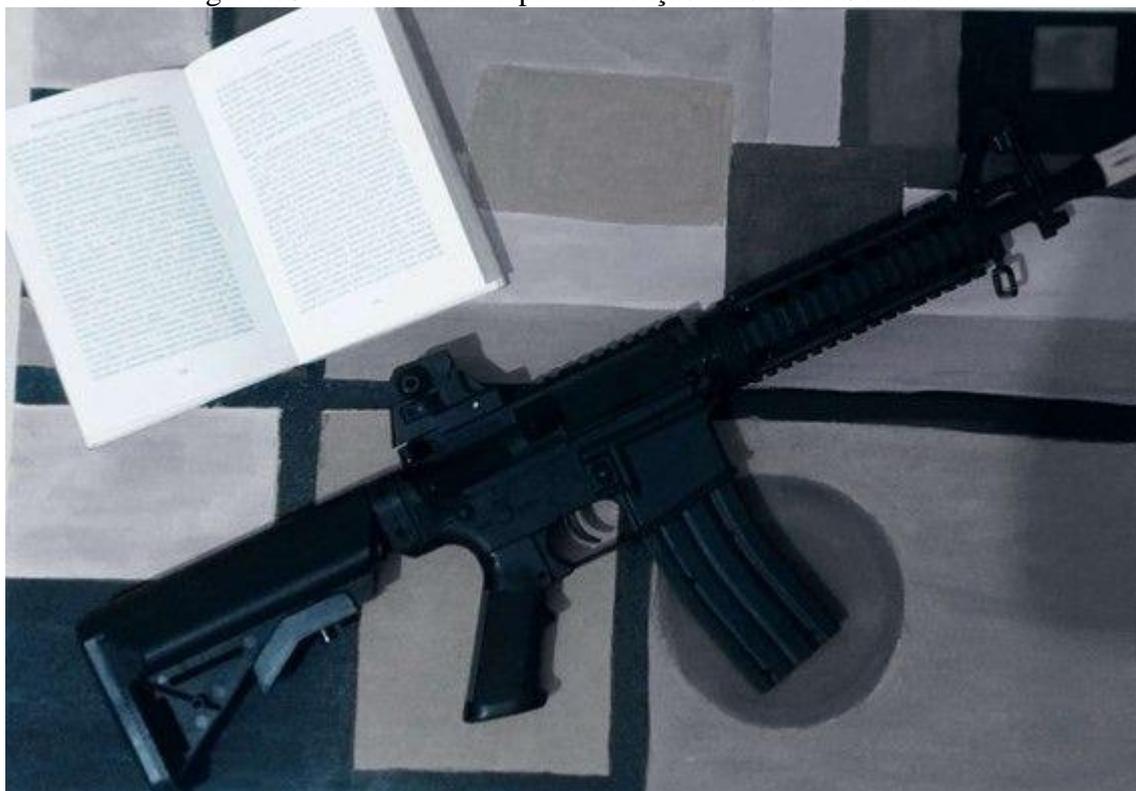
Fonte: da autora (2023).

A imagem apresentada acima compõe um mosaico construído a partir de diversas fotos de diversas pessoas em etapas escolares diferentes enquanto realizam atividades pedagógicas.

A ideia é demonstrar que independente da fase de escolarização o professor tem um papel e influência determinantes na vida de seus alunos, e conseqüentemente na formação da sociedade.

Através de colagens e sobreposições de imagens a fotógrafa buscou demonstrar a trajetória educacional de seus personagens, utilizando a *bild* com o intuito de provocar um novo olhar para o mundo, levando o observador à reflexão sobre os processos de ensino.

Figura 10- J.M. A batalha pela educação- Escola e Sociedade



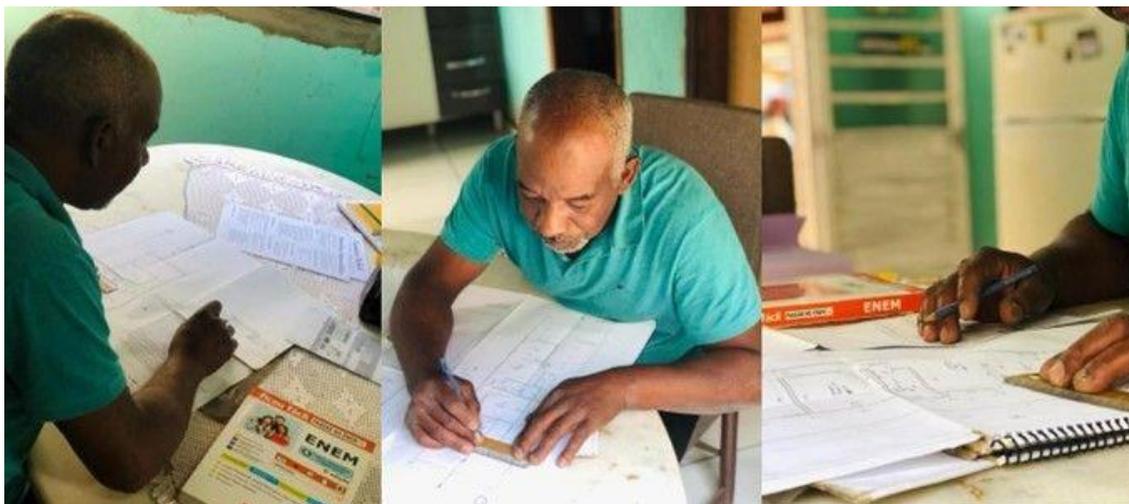
Fonte: da autora (2023).

Na imagem apresentada temos uma composição de elementos que visam representar uma batalha pela educação, a fotógrafa utilizou uma arma de brinquedo e um livro que foram postos sobre uma superfície para criar um “ambiente ideal” que pudesse ser fotografado e representasse a sua ideia de defesa da educação.

A fotografia apresentada tem elementos que chamam muita atenção, mas deve ser analisada com cautela, a fotógrafa buscou demonstrar que os professores estão “armados” de conhecimentos com preparo e determinação para enfrentarem os obstáculos que são colocados diariamente diante do objetivo de ensinar, além do fato de que oferecer uma educação de qualidade atualmente tem sido realmente uma batalha diária que deve ser vencida em prol de um melhor desenvolvimento da sociedade.

Na imagem está contido o conceito de mimese, em que a arte imita a realidade das escolas, onde diariamente se travam batalhas por uma educação de qualidade, temos ainda a capacidade da imagem de transformar um texto em imagem de forma que o que se vê num primeiro olhar para a fotografia pode e é explorado pelo olhar afim de revelar o que está oculto dos nossos olhos.

Figura 11- M.L. Mudança de vida - Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

A produção imagética acima é composta por três fotografias de um homem adulto, realizando a análise da planta de uma residência, ao seu lado podemos observar um livro de preparação para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e algumas provas impressas.

O que chama a atenção nessa imagem é o que é relatado sobre ela, a fotógrafa buscou demonstrar como o ensino ou a falta dele pode influenciar em todo o futuro de uma pessoa, vemos um homem que foi impedido pelas circunstâncias de finalizar os estudos na idade correta, mas que aprendeu na prática profissional alguns conceitos que são “cobrados” em provas e vestibulares.

Atualmente o sistema de ensino brasileiro conta com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é voltada justamente para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade propícia terem uma nova chance de buscar uma mudança de vida.

A fotógrafa buscou por meio da construção de uma montagem fotográfica expressar suas ideias e demonstrar sua compreensão da realidade.

Figura 12- M. Ampliando possibilidades- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Acima temos um mosaico construído a partir de imagens de ambientes que compõem uma instituição de ensino. Temos a biblioteca, uma sala de informática, um quadro com conteúdo exposto, uma quadra de esportes e uma placa de identificação, que indica o caminho a ser seguido para chegar à instituição, além de algumas “figurinhas” que remetem ao ato de estudar.

A fotógrafa buscou por meio dos recursos do seu aparelho fotográfico uma luz que romantizasse de certa forma a instituição representada, de modo que seu caráter universal se destacasse.

Na produção da fotografia os principais conceitos utilizados foram o de mimese e o de jogo, conforme explicado por Walter Benjamin. O conceito de mimese se faz presente na criação de imagens que se assemelham à uma realidade cujo significado é reinterpretado e, o conceito de jogo, por sua vez, atua na manipulação realizada com as

imagens para que elas pudessem passar o aspecto desejado.

Figura 13- W. Formação de indivíduos- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Figura 14- W. Proteção ou prisão?- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

As duas fotografias acima foram produzidas pelo mesmo fotógrafo, elas são da fachada de uma escola, a primeira imagem (figura 13) mostra a fachada sem nenhuma edição, já na segunda imagem (figura 14) vemos a mesma fachada em um ângulo diferente e coberta por correntes, pichações e pela frase “a escola liberta ou prende?”

As imagens foram produzidas para nos levar à reflexão sobre o real papel das escolas na formação de cidadãos, mostrando que a escola tem uma grande influência na vida das pessoas e em como elas vão se desenvolver.

A escola deve ser o lugar que leva os estudantes a pensar por si próprios, refletirem sobre suas ações para assim viverem e agirem socialmente de forma a melhorar a sociedade que os rodeia.

Como recurso na construção da imagem o fotógrafo utilizou o conceito de *bild e abbild* que se relacionam com a imagem da escola sendo a representação do mundo real, e a edição, com os elementos gráficos inseridos, como uma imagem conceitual, colocando um significado que vai além dessa representação do real.

Figura 15- L. Estímulo à criatividade- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Nesta imagem temos a fotografia de uma sala de aula repleta de atividades expostas, uma professora atenta ao que sua aluna está lhe mostrando e uma infinidade de recursos para eles utilizarem em suas produções artísticas.

A imagem técnica nos chama a atenção para a oferta de vários recursos para que os alunos exerçam sua criatividade de forma livre, não vemos na imagem atividades padronizadas, mas temos a impressão de que neste espaço as crianças podem se expressar da maneira que julgarem mais interessante ou atrativa.

Figura 16- P. Desenvolvimento do aluno enquanto pessoa- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Na montagem fotográfica acima temos parte da fachada de uma escola e sobreposta a ela a imagem de alguns alunos em uma sala de aula estudando, ainda sobreposta à imagem da fachada temos alguns elementos que nos levam a pensar na educação acompanhados da frase “o único lugar que não te priva de nada!”.

A imagem foi produzida com a intenção de mostrar um ambiente que complementa a educação do aluno, um lugar no qual o aluno se sinta à vontade para aprender, socializar e se desenvolver como pessoa.

Para elaborar a imagem, o fotógrafo utilizou alguns conceitos de Vilém Flusser. Primeiro, utilizou os conceitos das “quatro dimensões”, e são elas: altura, para ter uma imagem mais ampla da escola; largura, para ter um comprimento e um tamanho propício para a fotografia; profundidade, que é o foco no campo da fotografia; e tempo, que é são os segundos do timer para poder endireitar melhor o aparelho ao capturar a imagem. E por último, utilizou a técnica de “Mosaico e Jogo” na criação de uma imagem técnica, acrescentando imagens e outros elementos que fazem esse “jogo” em defesa da escola.

Figura 17- K. Aprendizagem em processo - Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Na imagem apresentada temos um professor apresentando uma parte de uma exposição para um grupo de alunos em uma quadra esportiva, parece ser parte de uma feira de ciências ou feira cultural oferecida pela escola.

A fotografia busca demonstrar a importância da escola na formação global dos estudantes, além do conteúdo registrado nos livros didáticos, demonstra um olhar para práticas educativas que vão além da sala de aula, que permitem os estudantes experimentarem o novo, refletir sobre ele e assim construir novos significados.

A imagem é dialética pois nos leva a refletir sobre quais as impressões dos alunos naquele momento, quais as aprendizagens que foram possíveis naquele momento, nos levando a repensar práticas educativas visando um aprendizado mais amplo para os estudantes.

Figura 18- J. Apelo pela educação infantil de qualidade - Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

A imagem técnica acima é uma montagem de imagens que representam a área de lazer de uma escola de educação infantil, a fachada colorida desta instituição e alguns lápis de colorir que remetem à fase da infância em que eles começam a ser substituídos pelos lápis de escrever no processo de alfabetização.

A fotógrafa busca fazer um apelo à uma educação infantil de qualidade, que busque o incentivo ao início da alfabetização das crianças, mas sem impedi-las de vivenciar suas infâncias, em que devem brincar, se divertir, socializar e interagir com o meio e com outras crianças. Ela destaca ainda a importância de uma escola atrativa para as crianças, com cores e objetos que tornem aquele um ambiente desejável e não obrigatório.

Foi utilizada a ideia de Flusser de que a tecnologia precisa ser utilizada não somente para diversão mais também para gerar conteúdo, uma vez que através do aparelho tecnológico e das ferramentas de edição de imagem foi possível construir uma imagem que nos mostra razões para defender a escola.

Figura 19- A.L. Proibido tecnologia- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos uma composição de duas fotografias. No topo temos uma sala de aulas cheia de carteiras vazias, e no quadro uma representação que remete à um *e-book*, e abaixo temos um estudante sozinho, fazendo suas tarefas, por sua expressão, o menino parece estar entediado, talvez pelo conteúdo ou por estar sozinho enquanto estuda.

O aluno na imagem estuda sem a utilização de nenhum recurso tecnológico, apenas com a utilização de caderno, livro e canetas, nada de *tablets*, notebooks ou outro recurso que possa lhe dar as respostas para suas dúvidas imediatamente e sem esforço mental.

A construção imagética vem, segundo a autora criticar isso, a postura crítica e preconceituosa de muitos professores diante da utilização de tecnologias nos processos de aprendizagem, ela não pretende aqui menosprezar o papel do professor na sala de aula, mas

apresentar a possibilidade de esse utilizar outros recursos que podem ser positivos para os alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico e atrativo para o estudante.

A fotógrafa utilizou a imagem-produção ao juntar as imagens selecionadas, utilizando-se do conceito de leitura de imagem tradicional na construção da imagem técnica possibilitando que ela transmitisse um conceito.

Figura 20 - A. Educação que transforma - Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima é uma montagem, construída a partir de desenhos que remetem à escola e ao ato educativo.

Como imagem principal, temos o desenho de uma escola que é circundada de elementos complementares, temos no canto superior esquerdo uma espécie de fila, em que os adultos aparecem em preto e branco enquanto uma criança em meio à leitura de um livro aparece colorida, dando a entender que o livro pode transformar realidades, trazendo “cor” para a vida das pessoas.

No canto superior direito, temos uma mão que desenha uma lâmpada (elemento geralmente atrelado a ideias novas) indicando que aquele é um espaço onde ideias novas florescem.

No canto inferior esquerdo, observamos crianças interagindo no que parece ser uma conversa que leva a reflexões e construção de novos conhecimentos, o que nos remete ao fato de que o conhecimento é construído de maneira coletiva e interativa na escola.

Já no canto inferior direito temos duas imagens, a primeira, uma placa que indica que a escola é um direito para todos, e ao seu lado uma criança sentada sobre uma pilha de livros, o que demonstra que na escola, todos devem e podem ter acesso aos conteúdos de qualidade.

Como dito anteriormente, o objetivo foi criar uma imagem que transmitisse um texto mostrando as possibilidades que uma escola oferece aos estudantes.

Figura 21- A.G. Acessibilidade - Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos a fachada da biblioteca de uma escola, uma imagem aparentemente simples, mas que carrega alguns elementos que merecem atenção. A fotografia destaca a rampa de acessibilidade para cadeirantes, e o piso tátil para deficientes visuais e como eles estão posicionados, mostrando ainda que a instalação dos mesmos é algo recente, visto que ainda é possível observar as marcas de cimento no chão o que demonstra a reforma.

A crítica vem sobre o fato de que apesar de ser um direito de todos o “ir e vir”, pessoas com necessidades especiais muitas vezes são impedidos de acessar certos espaços, observamos que esses elementos de acessibilidade são novos o que nos faz pensar em como as pessoas acessavam esses ambientes antes e até mesmo se conseguiam fazê-lo.

Ganha destaque a questão de essa imagem ser em uma escola, lugar onde se constrói o conhecimento, isso nos leva a pensar na privação que as pessoas com deficiência têm sofrido em relação ao acesso aos conhecimentos, prejudicando assim ainda mais sua inserção completa na sociedade.

A fotógrafa utilizou o conceito de *bild* de Benjamin para representar a construção e desconstrução do visível e para que se compreenda a imagem é necessário realizar o *scanning* na imagem, para observar todos os elementos que a compõem.

Figura 22 - B. Escola, o pilar da sociedade- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

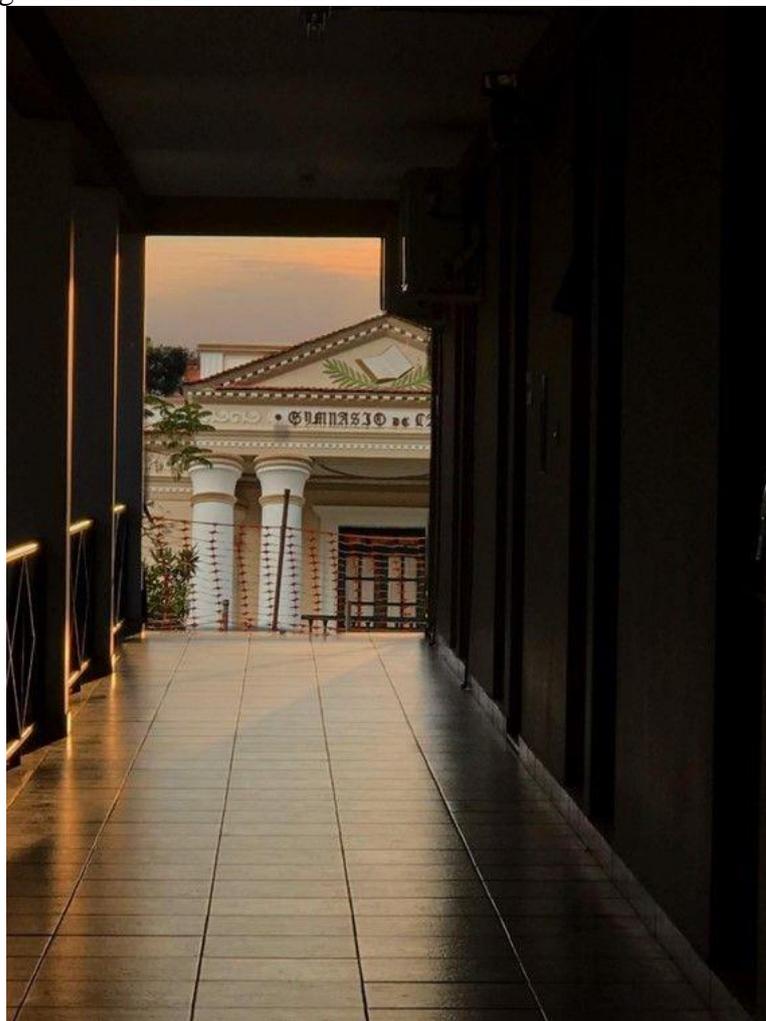
A imagem acima é composta por uma montagem de três imagens da fachada de uma escola em ângulos e posições diferentes.

As imagens apresentadas foram feitas de forma a demonstrar a importância da escola para o desenvolvimento da sociedade, a fotógrafa escolheu fotografar uma escola que já frequentou enquanto aluno, destacando a importância desta para a sua formação pessoal e profissional.

A fotógrafa destaca que a escola é um pilar para a sociedade que permite o desenvolvimento de um mundo melhor, além de que um dos deveres da escola é formar cidadãos e contribuir para a transformação do meio social e do bem comum.

A fotografia utilizou o conceito de mosaico para construir a partir de imagens dialéticas uma imagem técnica que conseguiu transmitir sua ideia de defesa da escola.

Figura 23- A.B. Descoberta de si e do mundo- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

A fotografia acima mostra um corredor pouco iluminado e ao fundo parte da fachada de uma escola no entardecer. A imagem nos leva a pensar na escola como uma espécie de “luz no fim do túnel” para aqueles que buscam uma esperança de futuro.

O corredor vem representar o caminho que as pessoas precisam enfrentar na sua trajetória educativa, e percebe-se ao final dele uma “barreira” que representa dificuldades enfrentadas, mas que ao serem rompidas dão lugar a uma infinidade de possibilidades.

O conceito de *bild* de Benjamin está presente na construção imagética, pois se utilizou de duas imagens para compor uma que traz uma história a ser descoberta.

Figura 24 - J.N. Diferenças sociais- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

A fotografia acima é uma montagem fotográfica, em que ao fundo vemos a fachada de uma escola, centralizado na imagem temos em cores vivas alguns alunos realizando atividades escolares, e nas bordas laterais inferiores temos duas imagens, uma de uma criança pedindo esmolas em meio a carros, e do outro lado duas crianças passando ao lado de um militar armado, com armamento pesado.

A fotografia buscou trazer uma reflexão a respeito do problema social enfrentado pelos jovens carentes do Brasil, e do papel importante das escolas na construção do caráter e desenvolvimento intelectual desses adolescentes. Pois como é possível notar, as crianças carentes muitas vezes são expostas a situações traumatizantes em seu dia a dia que podem influenciar de forma negativa na formação de seu caráter.

Foi realizada a construção de uma montagem contendo as várias fotos sobrepostas e isso culminou em uma imagem que nos leva à reflexão sobre a importância do papel social da escola na formação cidadã.

Figura 25- M. Rompendo com a desigualdade social- Escola e Sociedade



Fonte: da autora (2023).

Na construção imagética acima notamos uma sobreposição de imagens em que os planos se confundem e se misturam originando um lindo mosaico. Podemos notar que tem uma mulher sentada fazendo a leitura de uma revistinha do Chico Bento, sobrepondo a ela,

vemos um caderno que aparece de maneira sutil com um pequeno e quase imperceptível texto no topo da folha, e sobrepondo a ele temos o que parece ser a transposição de um livro.

A mulher escolhida para ser fotografada é a avó da fotógrafa, que segundo relato não pôde concluir o ensino básico por falta de recursos de sua família para mantê-la na escola, por essa razão ela só foi alfabetizada já na idade adulta por suas próprias filhas, em um anseio por conhecer e aprender mais.

A fotógrafa buscou explorar as potencialidades do aparelho no ato da fotografia e as ferramentas de edição disponíveis para produzir algo único que expressasse seus pensamentos, utilizando-se do imprevisível para trazer à tona algo novo.

6.3 Escola e formação cultural

Considerando que a instituição escolar tem em seu papel ensinar mais do que o que é sugerido em seu currículo, esta seção traz uma defesa da instituição escolar baseada na formação cultural que a escola pode oferecer aos seus alunos, demonstrando culturas e realidades não vivenciadas pelos estudantes, e aproximando-os de outras realidades.

A escola traz à tona a importância da arte e de uma visão crítica a respeito dos acontecimentos do cotidiano, levando os estudantes a pensarem sobre os fatos e criarem suas opiniões a respeito deles.

Segundo Nóvoa 2022:

A escola tem de nos pôr em contato com realidades e culturas que, sem ela, nos teriam ficado inacessíveis. Nesse sentido não pode limitar-se a reproduzir a vida, mas tem de aspirar a ser mais do que “esta” vida, abrindo viagens e oportunidades que, de outro modo, jamais teriam acontecido. A escola não se pode nunca desviar de sua finalidade primordial: conseguir que os alunos aprendam a pensar (NÓVOA, 2022, p. 18).

Figura 26- C. Despertar de curiosidades- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

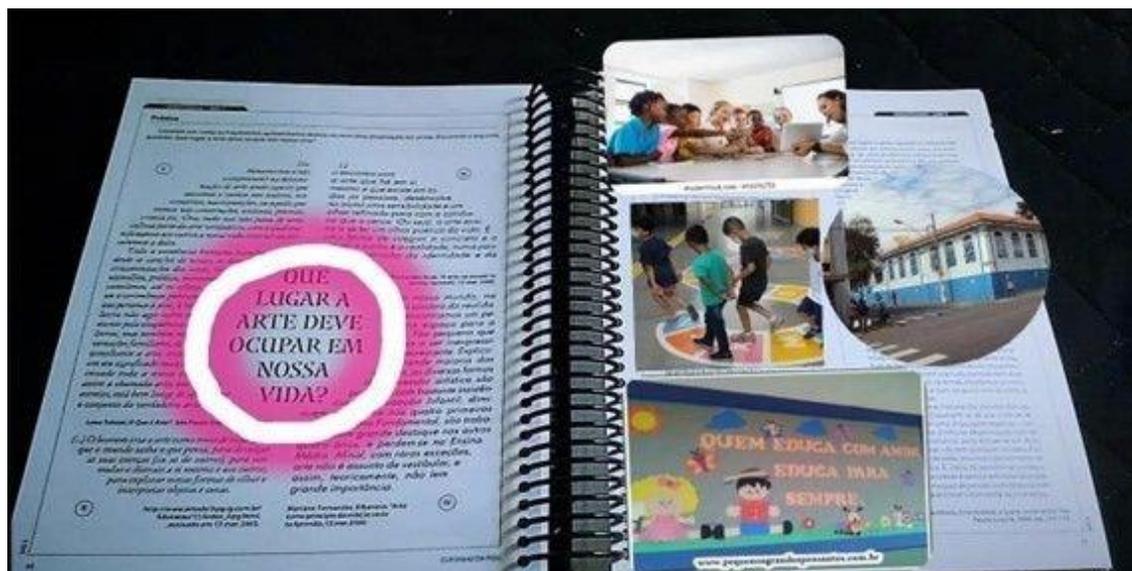
A imagem acima é um mosaico composto por imagens em diferentes profundidades que nos levam a *scanear* a imagem e descobrir seus significados. Ao fundo vemos uma folha de jornal ou revista escrita em preto e branco e sobre ela um “boneco” se levantando que pode ser tido como o conhecimento, a informação ativa, que deseja ser transmitida.

Acima desta folha temos três imagens, à esquerda vemos dois livros, um de filosofia, e o outro de arte, o título do livro de arte atrai com o dizer “arte em interação” que nos faz retomar o pensamento sobre a figura do boneco saindo da folha, pensando que o ensino da arte não deve ser apenas teórico nas escolas, mas deve se ter a interação do aluno com o conteúdo de forma prática, como vemos na segunda imagem que aparece na parte inferior, um desenho feito à mão, a expressão de um sentimento de quem o fez.

Por último temos a imagem da fachada de uma escola, que nos mostra que a escola deve ser o lugar onde a arte floresce, onde o aluno tem a possibilidade de expressar-se e de construir à medida que se desenvolve.

A fotógrafa utilizou os fundamentos de Benjamin (construção e desconstrução) trazendo um conceito além da objetividade, mostrando não apenas uma obrigação das aulas de arte na escola, mas também sua importância na formação dos alunos.

Figura 27- L. Liberdade de expressão- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A fotografia vista acima é uma composição de elementos que visa demonstrar a liberdade que a escola deve oferecer aos estudantes. Como fundo temos uma apostila aberta com a frase “que lugar a arte deve ocupar em nossa vida?” sendo destacada no meio da folha, nos levando a refletir a respeito desta questão já de início.

Na página seguinte temos fotografias de uma sala de aula, um pátio escolar, a fachada de uma escola e um painel na entrada dos estudantes com a frase “quem educa com amor educa para sempre”, mostrando a todos como a educação deve ser feita naquele ambiente, amando e respeitando os estudantes em suas diferenças e particularidades.

Na fotografia temos a mimese representada na brincadeira que os estudantes estão fazendo no pátio da escola, imitando um trem, caminhando como vagões seguindo uma trajetória pré-estabelecida, e a técnica de sobreposição de imagens montando um mosaico que carrega a mensagem da fotógrafa.

Figura 28- A.N. Ensino tradicional- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A imagem artística apresentada acima contém fotografias de crianças em uma escola, mescladas com alguns desenhos que merecem atenção. Observa-se que nas imagens das salas de aula e do pátio da escola, todas as crianças estão enfileiradas de frente para o professor, o que remete à uma educação tradicional que vê o professor como o único detentor de todo o saber na sala de aula. As outras imagens que compõem este mosaico têm alguns significados que nos remetem ao primeiro.

A imagem que está no topo esquerdo da fotografia nos mostra um desenho que replica a sala de aula tradicional, com a professora dando a aula e os alunos reproduzindo o que ela está falando; logo abaixo dela, podemos notar que a mesma personagem que acima representava a professora está em uma espécie de fábrica “encaixotando” pequenos bonecos que podem representar seus alunos, com isso, notamos que a escola pode e muitas vezes é um instrumento de controle das mentes dos estudantes, pois nelas as pessoas são moldadas conforme as vivências e experiências diárias.

Na faixa central de imagens temos no topo um desenho de um boneco de madeira, sendo manipulado por uma mão, que pode representar o sistema de ensino controlando o que o aluno deve ou não aprender e como isso deve acontecer, logo abaixo desta imagem temos

um personagem sentado, como se apenas estivesse absorvendo o que lhe é transmitido o que pode ser visto na imagem que está ao lado desta, em que vemos a representação de uma pessoa na qual conteúdos estão literalmente sendo derramado em seu cérebro, sem que haja interação com o conteúdo.

A imagem que aparece na parte inferior da faixa central nos mostra como muitas vezes somos levados e presos pela rotina e por uma espécie de cronograma a seguir e acabamos sem tempo para a criatividade, para pensar “fora da caixa”, ressignificar conceitos e aprender com isso. A composição nos leva a refletir sobre a importância de uma escola que não busca padronizar seus alunos, mas dá espaço para que esses se desenvolvam sozinhos.

A fotografia utiliza o conceito de jogo, em que faz construções e desconstruções das imagens, permitindo diversas interpretações destas de acordo com a forma que se vê, a interpretação desta montagem fotográfica se dá a partir do *scanning* que é feito das imagens, vagueando o olhar por toda a superfície da imagem, extraíndo dela cada elemento.

Figura 29- J. Portas fechadas para o mundo- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

Na imagem produção acima temos uma composição imagética em que ao fundo vemos um mapa e uma mão que vagueia por ele, sobreposto a essa imagem vemos livros empilhados com uma corrente e temos também a frase “livros são portas para o mundo!”.

Nesta fotografia a fotógrafa tenta transmitir a ideia de que os livros abrem as portas para o conhecimento do mundo, mas as dificuldades de acessá-los representada pelas correntes acabam por fechar ou limitar a passagem por essas portas.

Defende-se uma educação que dê aos alunos acesso ilimitado a livros e conteúdo, para que sigam buscando aprender sempre mais, se desenvolvendo de forma completa.

A imagem é dialética pois busca demonstrar através da imagem aquilo que o texto contido nela nos diz, e nos leva à reflexão sobre como estamos utilizando livros nas práticas docentes, se estão sendo portas ou grades para conhecer o mundo.

Figura 30- E. Construção ampla de conhecimento- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

Acima podemos observar um mosaico de fotografias que remetem ao ato educativo e a instituições escolares, nas imagens da parte superior, observamos alunos interagindo com a professora no ato da aprendizagem, notamos que não estão passivos ao que acontece ao seu redor, mas participam ativamente do processo.

Vemos também um quadro cheio de conteúdo sem ninguém ao seu lado para explicá-lo, temos ao lado da imagem do quadro uma fotografia de um professor sentado em sua mesa enquanto aparentemente mexe em seu celular e a abaixo dessa imagem vemos uma sala de informática vazia, têm-se a impressão de que as últimas imagens se referem ao mesmo ambiente, o que nos faz pensar em como tem sido os processos de ensino e aprendizagem quando nem o professor nem o aluno estão interessados em fazê-lo funcionar.

Temos também duas imagens que remetem a um campus universitário, na primeira vemos o ambiente cheio de pessoas caminhando, enquanto na imagem que se segue o espaço está vazio, mas pronto para acolher os estudantes.

O mosaico nos leva a refletir sobre a importância de um espaço educativo preparado para receber os estudantes, de professores com metodologias ativas que envolvam o tradicional e o novo, atraindo os estudantes para as aulas, promovendo o anseio por aprender cada vez mais.

Foi utilizada pela fotógrafa a segunda técnica, onde envolve cultura e natureza de forma lúdica.

Figura 31- H. Instrução que gera valores- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima é da fachada de uma instituição escolar. E foi construída após certo período de observação do ambiente, o fluxo de entrada e saída de alunos, o tipo de pessoa que frequenta este ambiente, quais suas aspirações e esperanças.

Por se tratar de uma instituição pública, muitas pessoas não têm consciência de seu verdadeiro papel, que é instruir os estudantes, e a veem apenas como um ambiente seguro no qual os alunos podem permanecer durante um período do dia.

Essa visão limitada da escola prejudica o ato educativo, leva as pessoas a não aproveitarem de forma correta a oportunidade de aprender e se formar como cidadãos dentro da escola.

A imagem produzida se trata de uma imagem técnica, uma vez que foi produzida por meio de aparelho tecnológico, e o fotógrafo não se preocupou em realizar edições alterando a imagem, mas optou por utilizá-la da maneira que foi concebida.

Figura 32- V.R. Democratização- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima é da fachada de uma das escolas mais tradicionais de Lavras, e a ideia de registrá-la em preto e branco revela a intenção de tornar a imagem mais clássica remetendo à antiguidade da instituição.

Esta mesma escola foi retratada em outras fotografias, o que mostra sua relevância para aqueles que a frequentaram, a fotografia aqui ressalta o caráter afetivo desta instituição que foi e é responsável pela formação, socialização e desenvolvimento de tantos estudantes ao longo dos anos. A escola de forma geral tem esse papel, de transformar vidas por meio da educação.

A fotografia utilizou a mimese para trazer ao presente uma representação do passado da instituição em questão, mostrando a capacidade da fotografia de registrar o passado no presente e trazê-lo à tona no futuro, mostrando que a fotografia não segue a linearidade do tempo tradicional.

Figura 33- G. Experiência concreta aumentada- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

Na imagem construção acima, vemos uma composição com várias partes da fachada de uma escola, as partes se complementam de forma a mostrar a totalidade da fachada, que não poderia ter sido fotografada de uma só vez.

Nota-se que o muro da escola é bem atrativo e nessa imagem onde vemos um mural pintado com figuras de super-heróis representando os bons modos e princípio de uma boa educação, está presente a “embriaguez da arte”, que é caracterizada por Flusser (1985), entre os demais entorpecentes, como modo de escapar de uma vida que se tornou insuportável dentro das estruturas de denominação da cultura.

Além deste conceito, temos o que Flusser (1985) diz “a arte é o aspecto da comunicação pela qual a informação relativa à experiência concreta é aumentada”, sendo assim, o muro da escola que ressalta os seus valores e bons costumes, aproxima esses conceitos dos alunos e torna-os concretos, levando os estudantes a praticá-los em suas vidas dentro e fora da escola.

Figura 34- K. Incentivo à cultura- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A fotografia acima mostra uma biblioteca com vários alunos sentados enfileirados, cada um com um livro na mão. Alguns estão lendo e outros estão atentos ao que a pessoa que está à frente deles está falando. Chama a atenção a forma como eles estão distribuídos no espaço, um ambiente com tanta coisa a ser explorada, mas os alunos permanecem sentados em seus bancos recebendo o que está sendo falado.

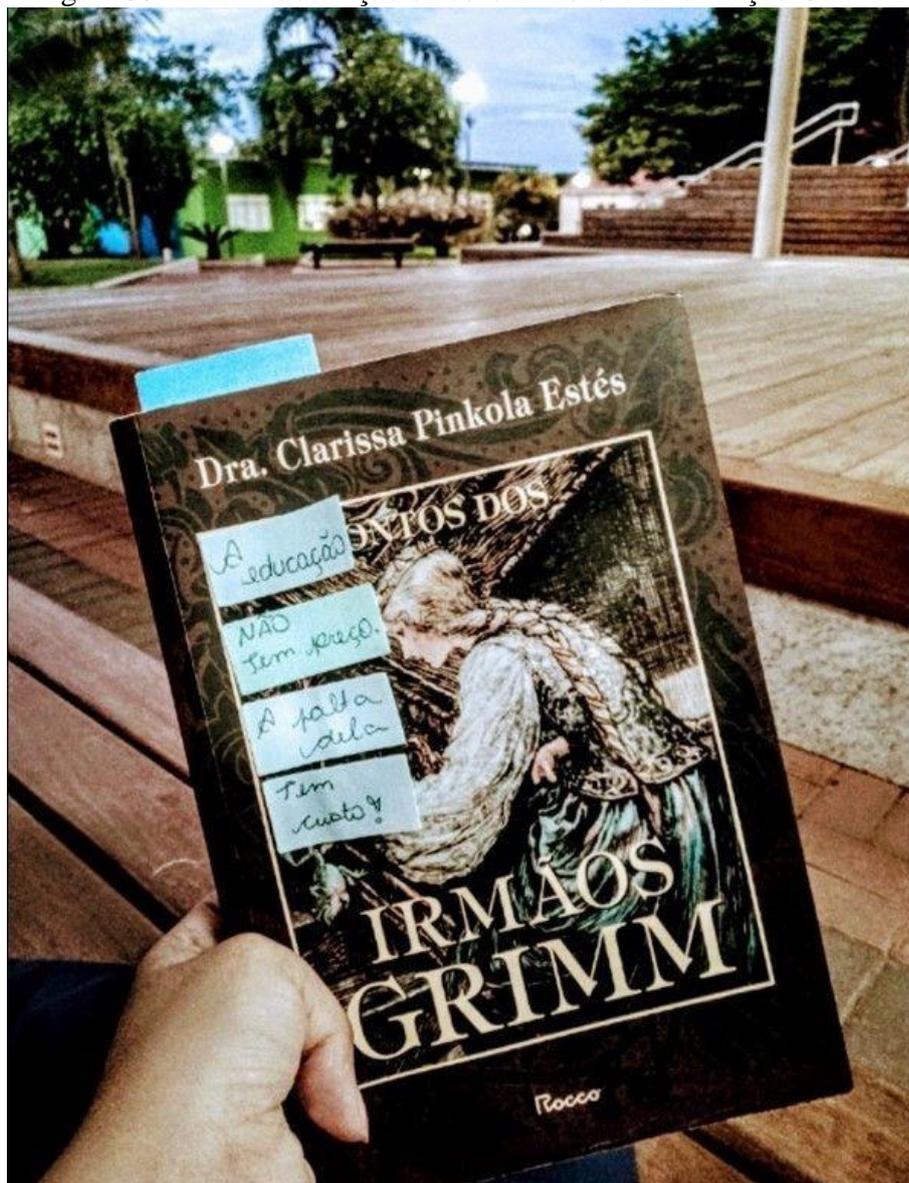
Na imagem é possível notar que os estudantes estão usando máscaras, o que era comum na época em que estávamos enfrentando a pandemia da COVID 19, e o que a fotógrafa quer demonstrar é justamente como essa pandemia afetou as relações dentro das escolas.

A pandemia tirou os alunos do convívio coletivo e levou cada um para dentro de sua casa, limitando o contato com o outro e com a cultura, no retorno desses estudantes para as escolas tudo mudou, aqueles que antes poderiam sentar juntos agora precisam se afastar, atividades que seriam feitas coletivamente precisaram ser repensadas para serem feitas de forma individual.

Mas a importância da escola na formação cultural dos estudantes não deixou de existir, foi limitada, mas deve ser reestabelecida por meio das atividades e vivências escolares.

A fotografia utilizada é técnica devido à forma que foi produzida, mas não possui nenhum tipo de edição, ela nos faz refletir a partir dos elementos que a compõem e repensar no papel da escola na formação de sujeitos.

Figura 35- V.A. Valorização da escola- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A figura acima é uma fotografia de um livro nas mãos de uma estudante, e em sua capa têm o seguinte dizer “a educação não tem preço. A falta dela tem custo!”, uma frase de impacto que nos leva à reflexão sobre o valor moral de uma educação de qualidade e da falta dela.

A fotógrafa inseriu no objeto que queria fotografar todos os elementos que gostaria de mostrar, através dos post-its deixou sua mensagem escrita para que aqueles que vissem a imagem fossem levados a pensar a respeito do significado dela.

Ela fez uso do conceito de fotografia de Flusser, que visa a duplicação da natureza, utilizando da natureza para dar mais vida e cor para a fotografia e dar a ela a capacidade de ultrapassar a mera objetividade, explorando os limites do aparelho fotográfico afim de produzir uma imagem significativa e dialética.

Figura 36- J.I. Ludicidade e educação- Escola e Formação Cultural



Fonte: da autora (2023).

A imagem produção acima é uma sobreposição de imagens de um momento lúdico em um projeto social, em que um responsável está fazendo pintura de rosto em crianças. Podemos notar nas imagens sobrepostas a mesma criança em fases diferentes do processo, enquanto aguarda na fila, escolhendo o seu desenho favorito, sendo pintada e depois mostrando o resultado da pintura com um grande sorriso no rosto.

Trata-se de uma ação social em ambiente não escolar, atendendo crianças em diferentes situações socioeconômicas, e pode ser considerada uma ação educativa, uma vez que o cuidado ensina a estar atento às necessidades do outro e buscar soluções para supri-las.

O fotógrafo defende uma educação de forma mais lúdica, fora das salas de aula, envolvendo ações como a mostrada na foto, além de outras envolvendo práticas de esportes, musicalização, teatro entre outras coisas que sejam atrativas para as crianças principalmente na fase inicial da escolarização.

Quanto à produção da imagem, o fotógrafo se utilizou da mimese “aquela capacidade suprema de produzir semelhanças”, e que está presente nas brincadeiras infantis. O educador social usa da *mimese* para alcançar seu objetivo de alcançar os educandos em situação de vulnerabilidade social e econômica. Além de utilizar da imagem dialética que estabelece uma dualidade e ligação entre instituições governamentais e seu papel na educação social. A partir da capacitação do profissional social e do diálogo com poder público para atingir de forma efetiva a realidade social dos educandos.

6.4 Escola e Conhecimento

Ao nos referirmos à instituição escolar o primeiro pensamento que surge é ligado à sua “função principal” que seria a de passar conhecimento, defendemos aqui uma educação que vai além disso, que se preocupa em construir o conhecimento, buscando aquilo que o aluno já carrega consigo, ressignificando conceitos, e possibilitando que se construam novos conhecimentos coletivamente.

Aqui, apresentamos a escola não como a “detentora de saber”, mas como um canal de conhecimento, um ambiente que fornece as condições necessárias para que estudantes, professores e toda a comunidade escolar possam se desenvolver em conjunto, e individualmente.

Figura 37- N. Diferença de escola tradicional e escola moderna construtivista- Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

A montagem fotográfica acima demonstra um paralelo entre escola tradicional e educação tradicional, nela podemos notar uma sala de aula de anos atrás, em que o professor lecionava com uma espécie de vara nas mãos, instrumento esse que poderia ser utilizado tanto para indicar conteúdos como para “corrigir” aos alunos que tivessem um “mau comportamento”.

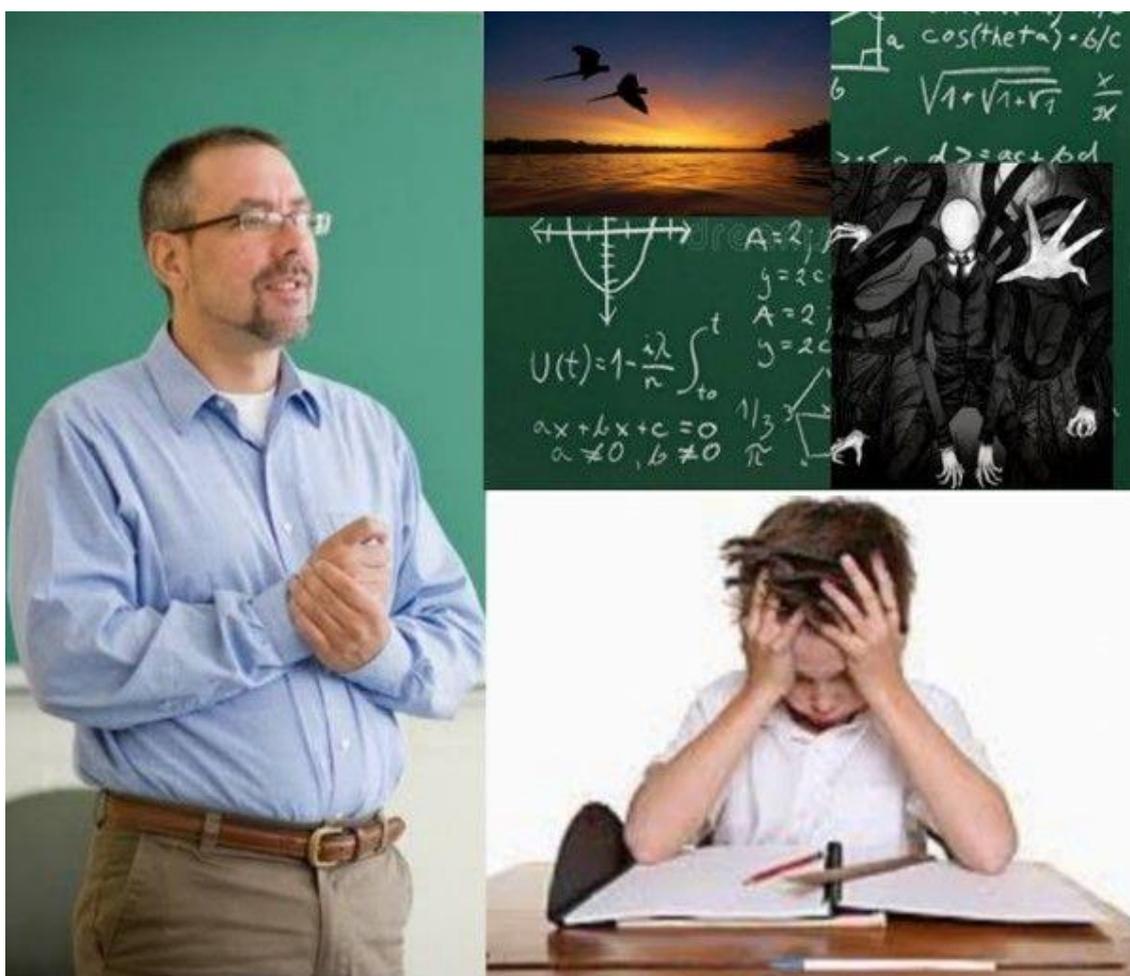
Contrapondo a essa imagem, temos fotografias de salas de aulas mais atuais, em que o aluno interage com o professor durante as aulas, nesse modelo o professor deixa de ser o único detentor do saber e passa a ser um compartilhador deste, uma ponte para aproximar o aluno do conhecimento.

Na parte que se relaciona à educação tradicional temos o professor representado por uma boca (o único que fala) e os alunos por ouvidos (ouvem tudo e não falam nada), em seguida temos uma representação controversa de um aluno lendo um conteúdo sobre uma educação que promove um despertar da curiosidade dos alunos em um material voltado para a memorização do conteúdo e em seguida temos um cartaz sobre a educação construtivista, que

seria contrário à primeira imagem, mostrando uma educação que leva o aluno a pensar e descobrir sua forma de aprender construindo assim um conhecimento significativo.

Na imagem produzida percebemos a criação de um mosaico, que é composto de várias imagens para nos transmitir a mensagem da fotografia sobre a defesa de uma educação que promova um desenvolvimento pleno do estudante.

Figura 38- L. Crítica sobre o ensino - Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

A construção imagética acima é um mosaico composto de várias fotografias, temos um professor dando aula que aparentemente se sente confortável com a forma que leciona, um estudante que visivelmente não está compreendendo o conteúdo e se mostra até mesmo chateado com a situação, temos também um quadro negro cheio de fórmulas que muitas vezes aparecem indecifráveis para os alunos e uma imagem de pássaros voando o que remete à liberdade e uma imagem de um anime que nos leva a pensar em uma possível confusão dos pensamentos do aluno.

A crítica está no fato de que muitas vezes um conteúdo que parece muito simples para o professor quando está explicando chega para o aluno como algo incompreensível, levando este a criar uma barreira, se sentindo incapaz de aprender e se desenvolver. E isso nos faz pensar em como tratamos os estudantes no dia a dia escolar, é preciso estar atento à forma de se comunicar com o aluno, para que o processo de ensino seja dinâmico e eficiente, não adiante querer falar com um aluno de 5 anos da mesma maneira que sealaria com um de 15, pois a forma de aprender é diferente e é papel da escola e do professor se adequarem a isso.

Foi produzida uma imagem que transmite a ideia da fotografia de forma direta. É necessária uma atenção aos elementos que a compõem para que a compreensão seja mais eficiente.

Figura 39- L.S. Falta de interação com o professor - Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

A fotografia acima é de uma sala de aula, em que podemos observar uma mesa de professor vazia e no quadro negro um desenho de uma professora com a seguinte fala “eu também estou presente”, a imagem traz uma crítica ao comportamento dos alunos em relação a interação com o professor em sala de aula, bem como o desinteresse na aprendizagem.

A imagem faz uma crítica à postura de estudantes diante do professor, trata da desvalorização deste profissional, o que leva à um prejuízo na construção de conhecimento. Muitas vezes a falta de relação entre professor e aluno prejudica que o conhecimento seja construído coletivamente, uma vez que não há troca entre as partes, mas sim um derramamento de conteúdo que muitas vezes não é absorvido.

Os conceitos que a fotógrafa se fundamentou para produzir essa imagem foram o de segunda técnica e jogo de Walter Benjamin. Pois não fez uma imitação do real apenas, mas sim uma modificação nas cores da imagem real, e essa mudança permite uma recepção diferente para quem analisa. O jogo não copia, não duplica e não repete, dessa forma, com a

edição a fotografia tentou replicar esses dois conceitos.

Figura 40- A.L. Espaços de aprendizagem - Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

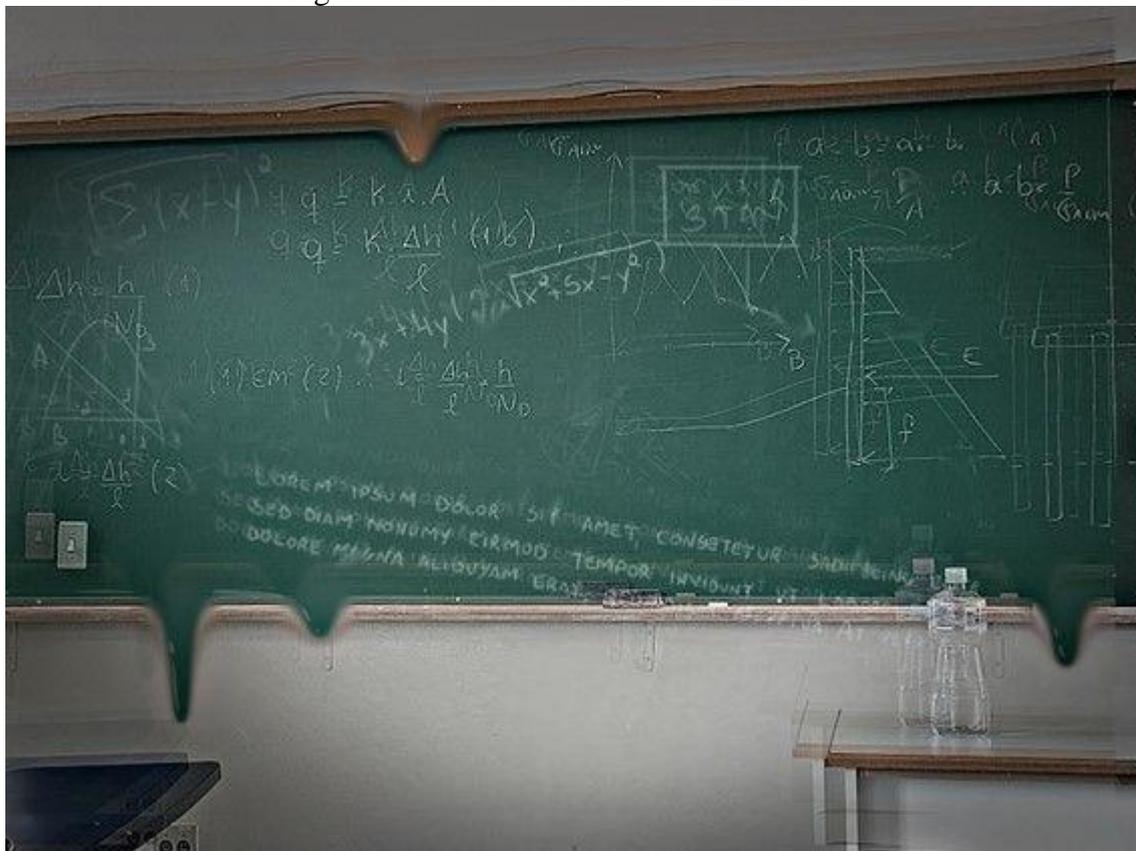
A imagem acima é uma montagem fotográfica em que observamos uma sala de aula com mesa vazias, sem alunos ou materiais escolares sobre a mesa, na parede vemos uma imagem em transparência de livros de histórias infantis, notamos ainda a imagem de crianças sentadas em roda no chão de uma sala enquanto a professora faz a contação de uma história.

A fotografia buscou representar os diversos espaços de aprendizagem dentro da escola, demonstrando as diversas possibilidades de exploração de ambientes no processo de ensino e aprendizagem.

Baseando-se nos conceitos de mimese, que diz que é “Aquela capacidade suprema de produzir semelhanças”, e no conceito de jogo, que diz que “o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa ‘imaginação’ da realidade (ou seja, a transformação desta em

imagens)”, a fotógrafa construiu uma imagem que nos leva a pensar no aproveitamento de espaços escolares para atividades pedagógicas diversas.

Figura 41- C. Crise - Escola e Conhecimento



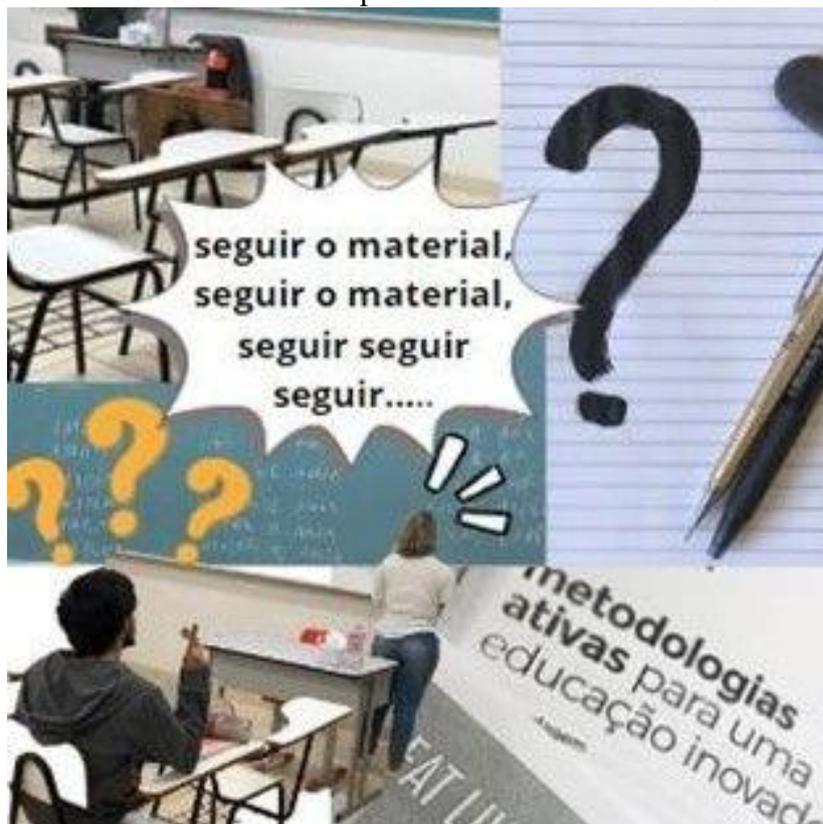
Fonte: da autora (2023).

A imagem acima é do quadro negro de uma sala de aula cheio de conteúdo escrito, a imagem tem um efeito que dá a impressão de estar derretendo com o conteúdo desfocado, o que segundo a fotógrafa pode representar a visão de muitos alunos diante dos conteúdos em aula.

A crítica na imagem está na falta de assistência da instituição e do professor para com determinados alunos que requerem certa atenção às suas condições tanto mentais quanto físicas. Essa falta de assistência interfere diretamente no conhecimento e aprendizagem dos alunos, pois estes ficam incapazes de aprender por não conseguirem acessar de maneira correta e eficiente aquilo que o professor deseja transmitir.

A técnica de uma *bild* surge na fotografia na intervenção na sua estrutura, quando ela deixou de se tornar a cópia da realidade vivenciada naquele momento para criar uma subjetividade.

Figura 42- A.C. Conhecimento pré-determinado- Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

A imagem técnica que vemos acima é um mosaico, composto de várias imagens que nos leva a pensar nas dúvidas que o professor enfrenta diante de metodologia que deve ou não adotar no ensino dos alunos.

Na imagem temos duas representações de uma sala de aula, uma com carteiras sem alunos e na outra a professora aparece escrevendo o conteúdo no quadro sem olhar para o aluno enquanto este tenta lhe questionar sobre algo mas é ignorado. Notamos em um caderno um grande ponto de interrogação demonstrando que a dúvida é uma constante. No canto inferior podemos notar uma apostila que indica a aplicação de metodologias ativas na sala de aula, o que contradiz o que estamos vendo na fotografia, pois nesta, a professora nem sequer interage com o aluno durante a aula. Outro elemento que se destaca é a frase “seguir o material, seguir o material, seguir, seguir, seguir...” que surge representando o pensamento da professora.

A crítica contida na imagem se liga ao fato de que muitas escolas utilizam material didático com todo conteúdo preestabelecido de forma que não há espaço para aplicação de metodologias diversificadas, tornando um processo que deveria ser dinâmico em algo “engessado” pelo sistema que não deixa espaço nem mesmo para o estudante questionar ou tirar dúvidas sobre os conteúdos.

Foi utilizada a técnica de colagem/montagem fotográfica, também foi abordado o conceito de jogo, visto que há uma relação de jogo com o real, originando diversas correspondências e renovadas associações de acordo com cada interpretação da fotografia. Assim como, foi utilizado o conceito de Bild, também de Benjamim, já que ocorreu uma criação artística e subjetiva relatando uma crítica as metodologias falhas de ensino.

Figura 43- L.M. Melhor lugar para estar - Escola e Conhecimento



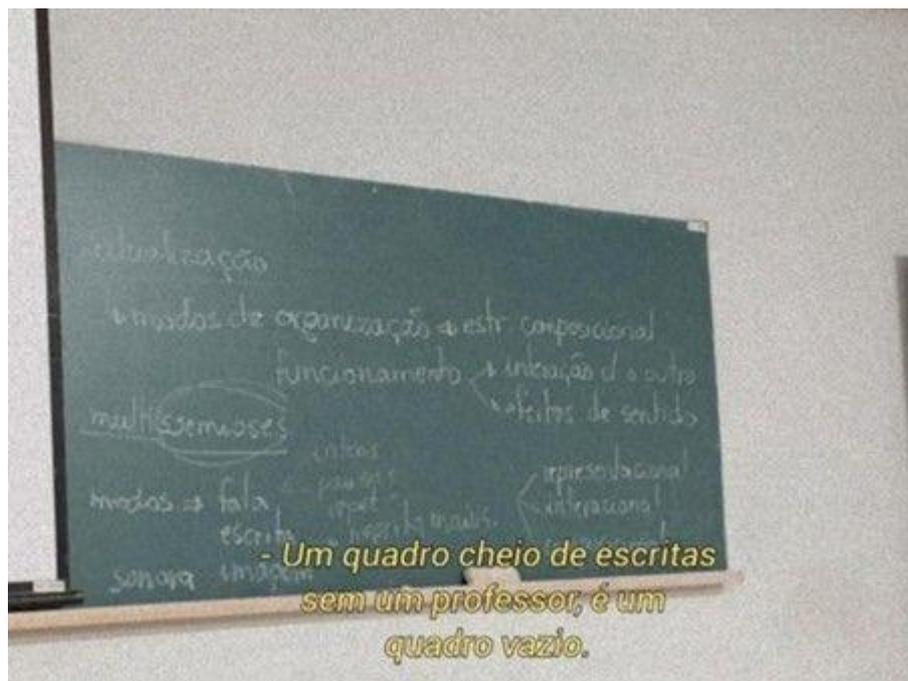
Fonte: da autora (2023).

A montagem fotográfica acima mostra uma sobreposição de imagens de estudantes realizando atividades lúdicas em uma escola, porém fora do espaço convencional da sala de aula.

A imagem mostra as crianças em interação com o meio e com outras crianças, o que demonstra a importância da interação na aprendizagem, a partir das brincadeiras a criança ressignifica conteúdos, explora o ambiente e ressignifica o que já conhecia. A interação com seus pares possibilita trocas que só a escola pode fornecer.

A fotógrafa, utilizou a capacidade da fotografia de dar vida a coisas que muitas vezes passam despercebidas ao nosso olhar, e traz à tona a importância de uma apreciação da infância e dos momentos educativos, de se ter atenção às sensações provocadas nos estudantes no ato educativo para que o ensino seja de fato significativo para os estudantes de forma geral.

Figura 44- F. Professor como chave para o conhecimento - Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima apresenta uma parte de uma sala de aula, em que vemos o quadro negro cheio de conteúdo escrito, mas nenhum professor, e junto à imagem a frase “- um quadro cheio de escritas sem um professor, é um quadro vazio”, o que demonstra a importância da figura do professor no processo de ensino/aprendizagem.

A crítica do fotógrafo está na relação do professor com o aluno que se baseia em somente cópias como meio de educação. O professor que usa apenas deste método está fadando o aluno à limitação do pensamento crítico. Mais do que a escrita no quadro, é preciso que um professor esteja presente para estruturar e dinamizar o que foi passado. Com presença quer dizer apoio e cuidado dentro de sala de aula que desperte a capacidade crítica de um aluno.

O fotógrafo utilizou o conceito de *bild* de Benjamin, criando uma imagem-produção fazendo uma construção ou ampliação daquilo que já estava pronto e visível na natureza.

Figura 45- F.O. Aquisição de conhecimento a nível intelectual - Escola e Conhecimento



Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos uma mesa de estudos na qual estão dispostos um notebook, um caderno com uma lapiseira, dois livros com capa preta e um outro livro no canto superior. Esta imagem foi produzida para representar o estudo, que segundo a autora da imagem é a primeira coisa que ela pensa quando se refere à escola.

A fotografia promove uma defesa da educação baseada na importância e relevância da escola na promoção de uma educação que promove um maior desenvolvimento intelectual de seus alunos e possibilita a esses um crescimento humano em diversas áreas.

Foi utilizado o conceito de imagem-produção, que consiste em produzir uma imagem técnica (produzida por aparelho) que represente um conceito, mesmo que a produção seja limitada pelas funções do aparelho fotográfico.

6.5 Escola e política

A educação escolar ultrapassa o ato de desenvolver nossos conhecimentos e habilidades cognitivas, ela busca uma formação integral dos indivíduos, preparando-os para viver como cidadãos ativos na sociedade. Ser um cidadão ativo envolve que cada um tenha consciência de seus direitos e deveres, que todos possam estar aptos a agir criticamente diante de decisões que precisam ser tomadas.

A escola pode ser vista como um espaço que possibilita a formação crítica dos estudantes, deixando aberto um espaço para que haja diálogo, debates e formações de opiniões sobre os mais diversos assuntos.

A instituição escolar aqui é defendida como um espaço de suspensão dos medos de ser criticado por discordar de alguma decisão, do receio de expressar suas opiniões, a escola

se abre como espaço para deliberações. A educação deve então estar voltada para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, e para o exercício pleno de sua cidadania, dentro e fora da escola.

Figura 46- L.G. Inclusão na escola- Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

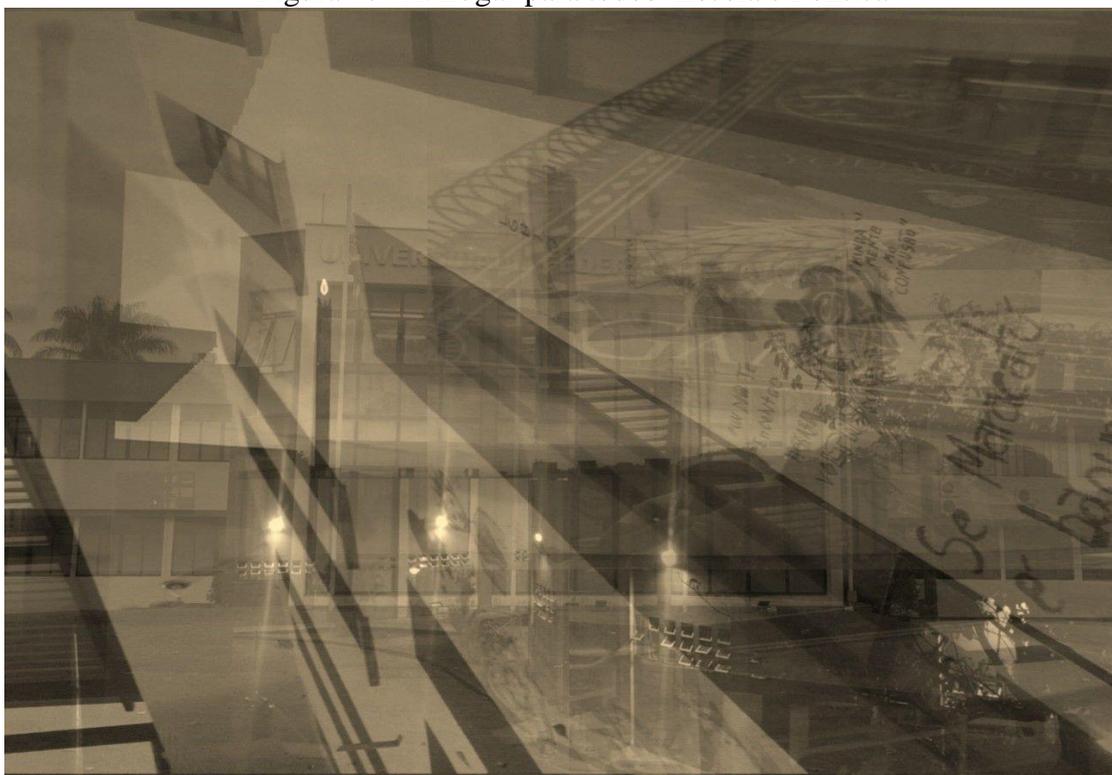
A imagem técnica acima é uma composição de vários elementos, ao fundo temos um quadro negro, elemento fundamental em uma sala de aula, sobre ele vemos uma prancha popularmente conhecida como skate, na qual estão equilibrados alguns livros e uma pessoa, e ao lado dessa representação temos a frase “a manobra mais importante é a educação”. A imagem remete ao equilíbrio que temos que buscar quando se trata da educação.

Segundo o fotógrafo, a escolha do skate como elemento de composição da fotografia se deu por além deste ser utilizado na prática esportiva e como meio de locomoção, poder ser utilizado também para a inclusão de alunos em atividades escolares.

A frase utilizada “a manobra mais importante é a educação” nos leva a compreender que, por mais que existem desafios quando se trata da educação, devemos nos esforçar para realizar a manobra de educar os estudantes, buscando oferecer o melhor a eles, pois é por meio da educação que é possível transformar e impulsionar vidas.

A produção da imagem foi utilizada a segunda técnica de Benjamin, pois foi criado algo inédito que ultrapassou a mera objetividade, e a ideia de imagem técnica de Flusser, ajustando as dimensões da imagem até alcançar a imagem conceitual desejada pelo fotógrafo.

Figura 47- K. Lugar para todos- Escola e Política



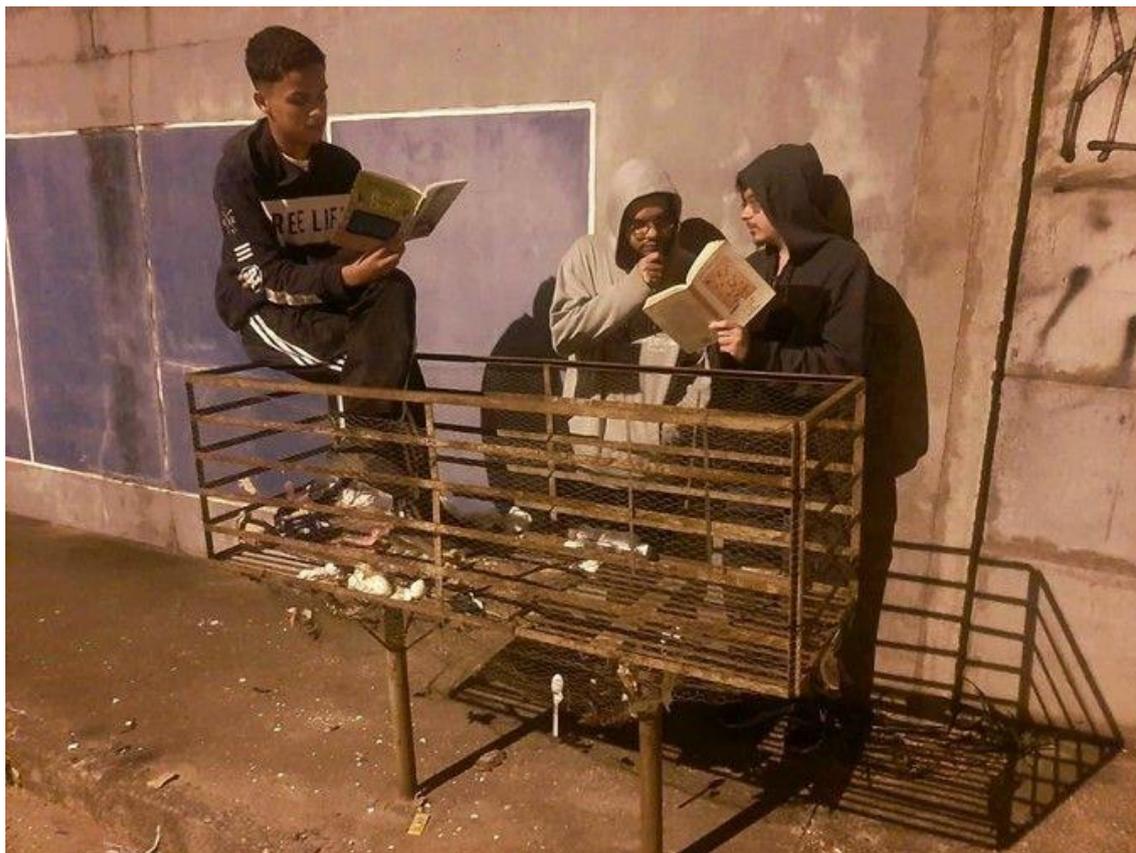
Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos uma montagem fotográfica em que há a sobreposição de algumas imagens de alguns espaços e prédios escolares e de objetos utilizados nos estudos.

O fotógrafo buscou destacar a importância do espaço físico escolar na formação dos indivíduos, destacando que a escola deve ser um lugar livre para que os estudantes exponham suas ideias, e discutam suas opiniões, sem serem controlados ou censurados em suas falas.

O conceito de jogo de Benjamin está presente na imagem técnica pois, desenvolver uma capacidade subjetiva do raciocínio e a imaginação de conhecer o que está por trás da fotografia.

Figura 48- J.M. Sucateamento das escolas - Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

Na fotografia acima vemos três estudantes, um assentado em uma lixeira lendo um livro, e os outros dois atrás dela, um explicando algo do livro para o outro, os três garotos parecem estar muito interessados nos livros que leem o que mostra sua intenção de buscar mais conhecimento.

O fotógrafo tentou demonstrar o sucateamento da educação pública no Brasil, em que muitas vezes os estudantes não têm condições adequadas para seguir com seus estudos. A cesta de lixo é um elemento que vem para representar a precariedade do espaço de aprendizado e o fato de os alunos estarem se esforçando para estudar mesmo nessas condições nos mostra como as instituições mesmo sendo falhas querem extrair de forma muitas vezes forçada bons resultados de seus alunos.

Na imagem o fotógrafo joga com elementos reais para representar seu ponto de vista, utiliza elementos do cotidiano (lixeira, livros) de uma forma não convencional para transmitir uma mensagem, os personagens da fotografia realizam a mimese pois imitam uma situação rotineira para construir o conceito da fotografia.



Fonte: da autora (2023).

A montagem fotográfica acima é composta por quatro imagens de situações que ocorrem no ambiente escolar. Nelas temos três situações de aprendizagem envolvendo recursos tecnológicos (computadores e Datashow) e uma sala de aula vazia.

A fotógrafa buscou destacar o uso de tecnologias no ambiente escolar, algo que deve ser feito com cautela para que o ambiente escolar não seja dominado pela tecnologia. Ao mesmo tempo que mostra que mesmo que os estudantes estão utilizando a tecnologia isto não dispensa a presença do professor na sala de aula, pois seu papel é fundamental na condução das aulas.

Foi utilizada a técnica de construção de mosaico em que as peças foram juntadas a fim de transmitir a ideia da fotógrafa sobre a defesa da educação.

Figura 50- M.C. Meritocracia - Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

A imagem técnica produzida é um fragmento de uma biblioteca no qual vemos uma parede de livros os quais uma mão tenta alcançar sem sucesso, no topo da imagem vemos a escrita “meritocracia” que é utilizada em tom irônico na imagem.

A palavra meritocracia é muito utilizada para afirmar que todas as pessoas têm as mesmas oportunidades de alcançar algo na vida, o que na prática não é muito real, a mão que tenta alcançar os livros nos demonstra isso, que mesmo que queira, muitas pessoas não conseguem alcançar as fontes de conhecimento, muitas pessoas não conseguem frequentar uma escola, uma faculdade e acabem ficando “para trás” na sociedade.

Na imagem percebemos que não se trata de uma cópia fiel da realidade, mas que essa é manipulada pelo fotógrafo para dar destaque aos elementos que apresentam sua defesa da educação.

Figura 51- E. Intermédio entre o indivíduo e o mundo- Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

O mosaico acima é formado por diversas fotografias que destacam o papel político da instituição escolar. Vemos salas de aulas, cartazes, frases, espaços acadêmicos, registros esses que vêm para demonstrar como um único espaço pode ter múltiplas “faces”.

A fotógrafa busca demonstrar como a escola é uma ponte que faz o intermédio entre o indivíduo e o mundo, mostrando que é nela que as pessoas se formam enquanto cidadãos ativos na sociedade. É papel da escola preparar os estudantes para tomarem suas próprias decisões, levá-los a pensar politicamente a fim de tornar o ambiente que frequentam cada dia mais agradável e igualitário.

A fotógrafa utilizou a técnica de criação de mosaico justapondo elementos para representar uma só ideia, ela realizou uma montagem que defendem a escola como elemento político na sociedade.

Figura 52- L.C. Moradia- Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

A fotografia acima é do alojamento estudantil de uma universidade federal, percebe-se que a fotografia foi feita durante a noite e podemos notar algumas luzes acesas nos apartamentos.

A fotógrafa quis destacar a importância de políticas que garantam o acesso e permanência de estudante na educação, por se tratar da imagem de um alojamento estudantil notamos que este espaço foi construído a fim de garantir que estudantes de outras cidades em baixa condição socioeconômica tivessem um local para morar durante o período de graduação e pós-graduação, o que de certa forma possibilita que mais estudantes permaneçam na instituição e concluam seus cursos.

A fotógrafa utilizou a técnica de mosaico para representar esse caráter que é encontrado nos pixels da fotografia digital e o jogo feito com o aparelho fotográfico, e ainda dar um foco na imagem técnica do alojamento. Ela também se fundamentou no conceito de imagem técnica de Flusser, a que é produzida através de um aparelho e que mostra a imagem sendo uma superfície que pretende representar algo, ou seja, não é o alojamento estudantil que se vê, mas sim a imagem técnica dele.

Figura 52- J.S. Luta pela educação de qualidade- Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

A imagem técnica acima é uma montagem fotográfica composta pela fotografia da fachada de uma escola, e sobreposta a ela a fotografia de um protesto em que os protestantes carregam um cartaz em que se lê “educação, direito de todos”, e acima da imagem vemos escrito com materiais escolares a frase “em defesa da escola”.

A fotografia destaca que a instituição escolar se faz necessária para que as discussões sociais, culturais e demais, possam acontecer, mas de uma maneira livre, em que todos consigam expressar seus pensamentos e adquirirem novos conhecimentos. A valorização da escola como um espaço de liberdade, de exercício do diálogo se faz muito necessária.

Foi utilizada a técnica de sobreposição de imagem na criação de um mosaico que apresenta os argumentos da fotógrafa em prol da defesa da educação.

Figura 53- A. Marketing- Escola e Política



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima mostra a fachada de uma escola particular, na qual são expostas fotos de estudantes aprovados em universidades parabenizando-os por sua conquista, o cartaz com as fotos tem o seguinte dizer “Lourdes, sua conexão com o sucesso”, escrita que remete ao fato de a escola em questão preparar seus alunos para o sucesso profissional.

Observamos também que há uma caçamba de lixo na frente da escola, e o fotógrafo fez questão de mantê-la na fotografia para representar a desigualdade social entre estudantes de escolas públicas e privadas.

A imagem nos leva a refletir sobre as diferenças de oportunidades que estes alunos enfrentam diariamente, e a falta de investimento público em políticas eficientes de melhoramento do desempenho de estudantes da rede pública.

O fotógrafo utilizou a edição de imagens para alterar a cor da fotografia, explorando o programa de edição afim de destacar seus interesses.

6.6 Escola e moralidade

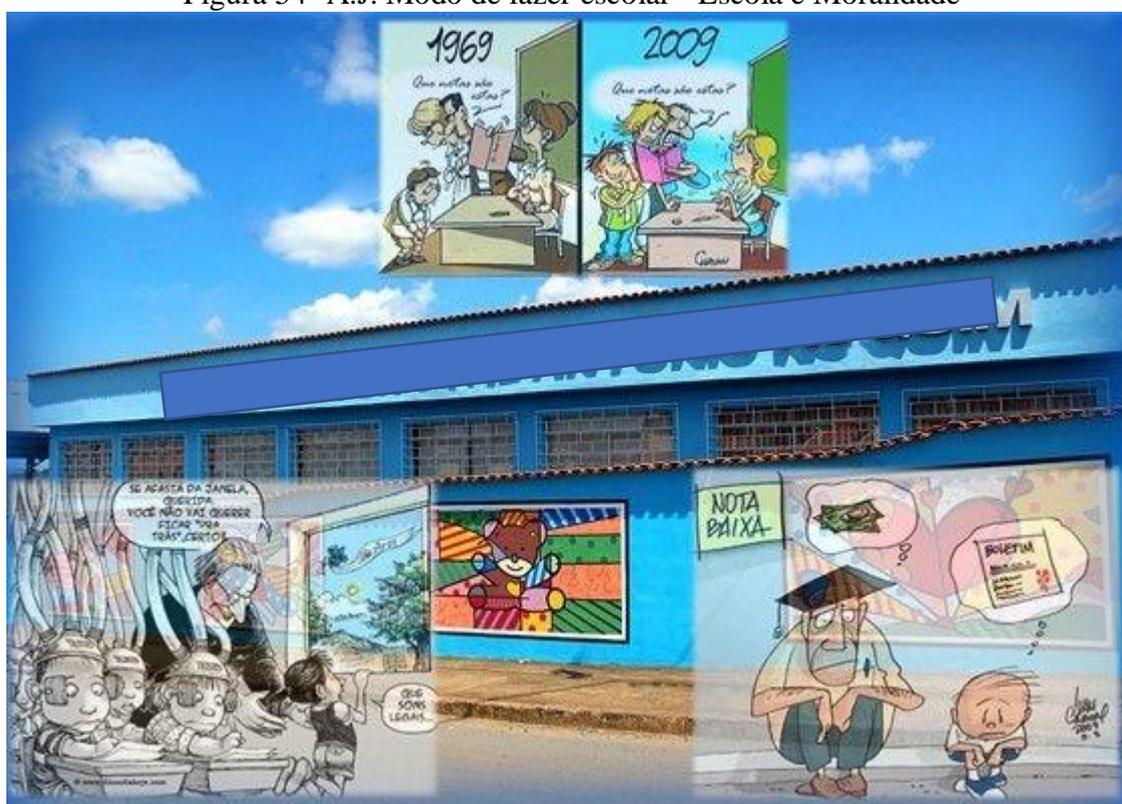
O termo moralidade se relaciona a um conjunto de valores, normas e costumes praticados por um indivíduo ou grupo que são praticados de acordo com o que se julga adequado, neste sentido ninguém precisa dizer ao outro o que é ou não correto a se fazer, a atitude moral se relaciona com a consciência de cada um.

A relação entre moralidade e educação se constrói considerando que a instituição escolar é o espaço que possibilita debates e conscientização a respeito do que seria moral ou imoral. Goergen (2001), destaca que:

Esta educação moral, portanto, já não pode ser concebida como transmissão de valores e comportamentos morais, mas como a introdução dos educandos no mundo conflitante das concepções morais, objetivando consensos mínimos que sirvam de base para o seu agir moral (GOERGEN, 2001, p.1).

Esta seção, portanto, preocupa-se em realizar uma defesa da educação que possibilite as mínimas discussões que fomentem nos estudantes o desejo de agir moralmente na sociedade.

Figura 54- A.J. Modo de fazer escolar - Escola e Moralidade



Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima temos ao fundo uma escola e sobreposto a ela algumas charges que demonstram o que é muitas vezes o cenário precário da educação no Brasil.

Nesse cenário a autoridade dos professores na sala de aula é muitas vezes questionada e os pais querem que seus filhos não sejam corrigidos, nem tirem notas baixas, e acabam culpando os docentes por esse mau desempenho, demonstra também como as notas baixas levam a uma baixa autoestima o que prejudica a situação de vida de muitas pessoas, além de

destacar também atitudes que limitam a imaginação e a exploração do que está ao redor do aluno por parte de muitos professores, que mantêm os estudantes apenas dentro da sala de aula, focados no conteúdo e aprendendo apenas individualmente, sem interação com o meio ou com os colegas de sala.

Na construção da fotografia foi utilizada a técnica (imagem -produção) em que houve uma montagem fotográfica colocando as charges em lugares estratégicos da fotografia principal, transmitindo assim uma mensagem ao observador. A imagem busca afetar o seu observador, levando-o a refletir sobre suas atitudes e mudá-las caso seja necessário.

Figura 55- C. Conexão- Escola e Moralidade



Fonte: da autora (2023).

A imagem técnica acima é um mosaico composto por várias fotografias e algumas palavras que visam transmitir uma mensagem. O fundo azul é preenchido por pequenas fotografias, no topo temos um professor tocando alegremente um violão, um ipê florido e uma criança que provavelmente está vivenciando sua “primeira formatura” no ensino fundamental, na parte de baixo, vemos vários estudantes no que parece ser o pátio de uma escola atentos ao

que está acontecendo no centro, a fachada decorada de uma escola e por último uma mulher segurando seu diploma em sua formatura do ensino médio.

A fotógrafa buscou ilustrar a própria trajetória educacional, as etapas de sua formação, chamando a atenção para a afetividade presente nos momentos educativos, ela destaca a importância de um aprender lúdico e interativo, que promove uma educação integral e mais fácil para o aluno, levando-o a buscar sempre aprender mais.

As palavras em destaque embaixo da imagem (amor, conexão, afeto e parceria), demonstram sua ideia de como a educação deve ser feita, permeada de bons sentimentos e boas ações.

A imagem-produção está presente na fotografia, na construção de um ideal de educação.

Figura 56- T. Professor como ser necessário- Escola e Moralidade



Fonte: da autora (2023).

Na imagem acima notamos uma composição de duas imagens que podem ser vistas como contrárias, na primeira temos uma sala de aula em que os estudantes estão “brincando”,

jogando bolinhas de papel, subindo nas carteiras e onde a ausência do professor é evidente, já na imagem de baixo, temos uma sala de aula organizada, com os alunos atentos à voz do professor enquanto aparentemente anotam o conteúdo em seus cadernos.

A fotógrafa tentou ilustrar a importância do professor dentro da sala de aula, como aquele que irá mediar as ações educativas, e conduzir os estudantes pelo conteúdo, defendendo um dever moral de se respeitar a figura do professor, não como o detentor de saber absoluto, mas como autoridade em sala de aula.

É possível notar na fotografia a presença da *Bild*, uma vez que há uma construção e desconstrução do visível, buscando levar o nosso olhar para as questões ocultas e à reflexão.

Figura 57- J.C. Educação à mercê da tecnologia- Escola e Moralidade



Fonte: da autora (2023).

A imagem acima é uma montagem que faz um paralelo entre a expectativa e a realidade do ensino remoto realizado durante a pandemia da COVID19, a imagem principal mostra a expectativa, um aluno focado no que o professor está falando por meio das telas, anotando o conteúdo, sem distrações que o impeçam de aprender, no canto superior temos a representação da realidade de muitos estudantes que durante as aulas remotas dormiam, ou mesmo com os computadores ligados transmitindo as aulas passavam todo o tempo jogando, ou fazendo coisas aleatórias, sendo impedidos por sua própria vontade de aprender.

A fotografia traz um alerta para a prática educativa adotada nesse período, o que deveria ser uma solução acabou se tornando um problema diante do fato que muitos alunos não conseguiam acessar as aulas, ou não se interessavam por assisti-las, principalmente aqueles que tinham acesso apenas a aulas gravadas, enquanto outros tinham aulas acontecendo ao vivo, com professores dinâmicos e até mesmo com professores particulares com a responsabilidade de os ensinar os conteúdos.

Esse cenário acabou por aumentar a diferença entre os estudantes de escolas públicas e privadas, e dentro dessas, causa divisão entre os que realmente aproveitaram as aulas online e os que preferiram fazer outras coisas em horário de aula.

A fotografia produziu uma imagem que nos leva a refletir sobre qual a atitude que devemos ter diante da situação das aulas remotas, nos abster da nossa tendência à distração ou nos deixar levar por coisas aleatórias à sala de aula.

Figura 58- G. Educação inclusiva



Fonte: da autora (2023).

Na imagem que se segue, temos uma sobreposição de imagens em que ao fundo observamos algumas crianças e duas telas em branco prontas para serem pintadas, já no canto inferior esquerdo vemos pequenas mãos sujas no que parece ser a produção de massinhas de modelar caseiras e entre uma coisa e outra vemos algumas “manchas” como se fossem tintas derramadas ou espalhadas na obra.

A imagem foi produzida de forma a destacar atividades educativas inclusivas realizadas em escolas de educação básica. A fotografia defende que além da educação inclusiva ser um direito, ela deve ser garantida com qualidade, com atividades escolares que realmente incluam os estudantes com necessidades especiais na rotina escolar, essa é uma

obrigação moral de todos que trabalham com a educação de forma geral, tornar o mundo mais acessível àqueles que necessitam.

Com a utilização de imagens de práticas de inclusão em sala de aula a fotógrafa utilizou-se da *bild* fazendo a construção do visível diante dos nossos olhos. É notável também a segunda técnica de Benjamin no que tange à manipulação de imagens e o jogo na sobreposição dos elementos.

Figura 59- P. Senso Crítico- Escola e Moralidade



Fonte: da autora (2023).

A fotógrafa buscou construir um mosaico com três fotografias que representasse a necessidade de se ter um senso crítico a respeito de algumas coisas que acontecem e não deveriam acontecer em nossa sociedade.

Temos em um fundo marrom acinzentado três imagens fortes que nos transmitem uma ideia de luta por direitos, no topo da imagem, vemos um movimento de mulheres nas ruas em um protesto, pelo cartaz que está ao fundo podemos ver que estão lutando provavelmente contra a ditadura, na parte de baixo temos um outro movimento, pessoas nas ruas com seus instrumentos, no que pode ser uma apresentação cultural ou parte de um protesto, e ao centro temos a imagem que mais chama a atenção, um movimento de rua com pessoas negras

carregando um cartaz com a frase “fogo nos racista”, uma frase de impacto muito repetida por defensores dos direitos dos povos negros que muitas vezes são marginalizados em nossa sociedade.

A fotógrafa busca destacar uma escola que promova o senso crítico de seus alunos, incentivando-os a lutar por seus direitos e deveres e pelos direitos de seus pares, que leve os estudantes a terem atitudes moralmente corretas a fim de se ter uma sociedade mais igualitária. Para ela a escola tem como uma das funções desenvolver o senso crítico de seus alunos para que eles possam ter o discernimento e a capacidade de analisar, entender e discutir fatores e problemas sociais.

7 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa investigamos e buscamos apresentar as representações e os sentidos atribuídos à escola de educação básica enquanto instituição social para estudantes de graduação de uma universidade federal. Se comparado com a ideia de escola de Masschelein e Simons, os estudantes de graduação apresentam uma concepção diferente da dos autores citados, Masschelein e Simons trazem consigo a ideia de educação da escola grega, em que se reservam:

a noção de escola para a invenção de uma forma específica de tempo livre ou não produtivo, tempo indefinido para o qual a pessoa não tem outra forma de acesso fora da escola (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 11).

Enquanto para os estudantes a escola se apresenta da maneira mais comum, como um local de aprendizagem, troca de saberes e que é vista como promotora de oportunidade de ascensão social, ou porta para o mercado de trabalho e para a universidade.

Os relatos dos estudantes demonstram que a instituição escolar foi o local que os despertou para questões além da questão de entrar no mercado de trabalho, mas os fez mudar a sua forma de ver e vivenciar o mundo.

Os estudantes têm a escola como meio para a transformação social e a colocam na posição de responsável por isso, no entanto, apesar de considerarem que a escola pode sim ser um meio para transformações, Masschelein e Simons não colocam sobre ela esta função, eles separam a escola de tudo que há fora dela, das responsabilidades com a família, a sociedade, o mercado de trabalho e até mesmo do ensino superior, para eles, a escola:

Surge como a materialização e espacialização concreta do tempo que, literalmente, separa ou retira os alunos para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário. Foi a escola grega que deu forma concreta a esse tipo de tempo. Isto significa que este – e não, por exemplo, a transferência de conhecimento ou o desenvolvimento de talentos – é a forma de tempo livre por meio do qual os alunos poderiam ser retirados de sua posição social. É precisamente o modelo escolar que permite que os jovens se desconectem do tempo ocupado da família ou da *oikos* (a *oiko-*nomia) e da cidade/estado ou *polis* (política). A escola oferece o formato (ou seja, a composição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para o tempo-feito-livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p.11-12).

Buscamos ainda trazer à tona a imagem que um grupo de estudantes de graduação constroem a respeito da educação escolar, perpassando seus diversos níveis, da educação infantil ao ensino superior, e como eles a representam, tendo o objetivo de identificar as principais motivações que os leva a defenderem ou criticarem a escola a partir da construção de imagens sobre a educação.

Entre as diversas imagens construídas pelos estudantes de graduação foi realizada a seleção daquelas que fariam parte do trabalho, elas foram analisadas realizando um *scanning* em cada fotografia, observando os elementos constituintes juntamente com os dados que as acompanhavam, as imagens foram então separadas em 6 categorias, de acordo com suas características.

Nota-se que apesar de a escola estar fortemente atrelada ao ensino, a principal razão para a sua defesa por parte dos estudantes é a sua capacidade de transformar a sociedade. A instituição escolar surge nessa pesquisa com um papel que vai muito além do de ensinar e transmitir conteúdos, ela surge como fator determinante de como irá se desenvolver a sociedade de forma geral.

Na análise das imagens coletadas fica clara a intencionalidade dos estudantes e a demonstração da importância da instituição escolar, que para eles é considerada como espaço de aprendizagem, onde de certa forma, os estudantes são expostos a coisas jamais analisadas anteriormente por eles com tanta atenção, para Masschelein e Simons, 2014 (p.24), “a escola é o tempo e o lugar onde temos um cuidado especial e interesse nas coisas, ou, em outras palavras, a escola focaliza a nossa atenção em algo”, sendo assim, a escola possibilita um novo olhar para aquilo que sempre esteve disponível para os estudantes, assim, a escola não obriga o outro a aprender certo conteúdo, ou decifrar algum mistério da natureza, mas possibilita que isso seja possível, Masschelein e Simons (2014) afirmam:

esse é o acontecimento mágico da escola, o *movere* – o movimento real- que não deve ser rastreado até uma escolha ou motivação. (...) a escola se torna um tempo/espço de *interesse* - do que é compartilhado entre nós, o mundo em si.”, nesse caso, os alunos experimentam a oportunidade de vivenciar a aprendizagem “eles são expostos ao mundo e convidados a se interessarem por ele (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 24).

A pesquisa nos mostra a importância da comunidade escolar para os graduandos, de se ter intencionalidade no ato educativo que não têm seu início e fim na sala de aula, mas inicia-se na formação dentro de casa, perpassa os caminhos que cada um percorre até a escola e entra pelos muros da instituição onde serão moldados e lapidados. A escola não é o local de

transmissão de conteúdos, mas sim, um espaço para construção, debate e ressignificação daquilo que já se sabe, complementando com o saber do outro.

O professor é fundamental nesse processo, uma vez que tem o papel de guiar os alunos pelo conhecimento, plantando neles a semente da inquietação que os leva a pensar e chegar as suas próprias conclusões, devendo levantar hipóteses e esclarecer o que fica subentendido pelo estudante, a presença do professor na vida do estudante é de grande importância para atraí-lo no momento educativo e isso perpassa o processo de formação de professores que também precisa ser modificado, para Nóvoa:

Precisamos de repensar, com coragem e ousadia, as nossas instituições e modelos de formação de professores. Se não o fizermos, estaremos a reforçar, nem que seja por inércia, tendências nefastas de privatização e de tecnologização da educação (NÓVOA, 2020 p. 78).

A utilização de imagens sobre a educação escolar neste trabalho, nos traz um olhar que não seria possível de outra maneira. Desperta um olhar atento, preocupado em identificar os elementos que constituem a imagem técnica, constrói um mosaico em nossa mente onde há uma desconstrução do tradicional a fim de construir um novo significado que traga a justaposição dos sentimentos e intenções do fotógrafo.

As imagens aqui apresentadas permitem uma reinterpretação de todos que a observam, e nenhuma interpretação pode ou deve ser tida como absolutamente correta, uma vez que não somos humanamente capazes de penetrar a mente do fotógrafo e desvendar suas reais intenções. Trabalhamos aqui com hipóteses e acreditamos ter nos aproximado de maneira significativa das intenções pretendidas pelos fotógrafos no ato da fotografia.

A escola aqui é apresentada pelos estudantes principalmente como uma instituição transformadora da sociedade, como local que oferece a oportunidade de as pessoas aprenderem a agir socialmente e a conviver em sociedade, além de ser vista como uma “ponte” para a ascensão social, visto que muitas pessoas conseguem sair de condições sociais desfavoráveis através da educação e do conhecimento. Porém, quando se fala em escola precisamos ter em mente que ela é e precisa continuar sendo um espaço de suspensão, onde independente de classe social, raça, sexo, ou qualquer outro parâmetro cada aluno seja visto como indivíduo, como um aluno capaz. A escola não deve ser refém das intenções de um sistema, mas deve estar desvinculada de qualquer expectativa externa a ela, para os autores citados:

A escola, como questão de suspensão, implica não só a interrupção temporária do tempo (passado e futuro), mas também a remoção das expectativas, necessidades, papéis e deveres ligados a um determinado espaço fora da escola. Nesse sentido, o espaço escolar é aberto e não fixo. O espaço escolar não se refere a um lugar de passagem ou de transição (do passado ao presente), nem a um espaço de iniciação ou de socialização (da família para a sociedade). Pelo contrário, devemos ver a escola como uma espécie de puro meio ou centro. A escola é um meio sem um fim e um veículo sem um destino determinado (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 16).

A aproximação entre escola e mercado têm sido cada vez mais presente na realidade das escolas brasileiras, isso devido às muitas mudanças que têm sido implementadas nos sistemas de ensino através do currículo escolar, do material didático, entre outros recursos e que visam colocar o aluno no centro do ato educativo, preparando-o para o mercado externo à escola.

Apesar das mudanças curriculares que vêm sendo implantadas na educação brasileira ao longo dos anos, e das propostas educacionais projetadas para pôr o aluno no centro do processo educativo, a organização dos ambientes educativos inviabiliza tais mudanças, sobre isso Nóvoa afirma:

A estrutura do modelo escolar torna difícil a concretização destes propósitos. Como ser autônomo em espaços-tempos normalizados? Como comunicar com os alunos arrumados em fileiras? Como ser ativo quando a tarefa principal dos alunos é escutarem as lições dos professores? Como relacionar-se com o meio exterior quando tudo se passa dentro dos muros da escola? As perguntas, intencionalmente simplistas, procuram chamar a atenção para a necessidade de organizar os ambientes educativos de modo a facilitarem o estudo, o trabalho cooperativo, a diferenciação pedagógica, a comunicação, a criação. Ao longo do século XX, fizeram-se muitas reformas dos currículos, dos programas e dos métodos, mas ficaram intactos os ambientes educativos (por “ambiente” não me refiro apenas ao espaço físico, mas também à divisão do tempo, ao trabalho dos professores, à estrutura da sala de aula e da escola, etc.) (NOVOA, 2022, p. 15-16).

A percepção de uma escola que promove oportunidades igualitárias para os estudantes vem se perdendo ao longo dos anos, mas precisa ser resgatada. Uma das críticas mais presentes nessa pesquisa a respeito da instituição escolar foi sobre a disparidade entre escolas públicas e privadas, sendo que, as primeiras são muitas vezes desvalorizadas, tem um espaço físico limitado e más condições de aprendizagem e ensino, enquanto as segundas são mais bem preparadas para atender as demandas dos estudantes, com uma estrutura física que permite que os estudantes se sintam mais confortáveis para aprender. Esse tipo de diferenciação leva os estudantes a pensarem que são mais ou menos capazes de algo de acordo com a posição que são colocados em uma espécie de “ranking educacional” que

muitas vezes coloca os estudantes de escolas públicas como incapazes e os das escolas privadas como supercompetentes.

As diferenças citadas anteriormente não deveriam existir quando se trata de escola, a maioria delas é imposta de forma a diferenciar aqueles que têm uma posição social privilegiada (e tem condições financeiras de frequentar uma escola privada), e aqueles que pertencem à classe trabalhadora (e teoricamente não precisam ser bem qualificados). Na Grécia Antiga a escola foi posta em uma posição que deveria estar até a atualidade.

Na escola grega, não mais era a origem de alguém, sua raça ou “natureza” que justificava seu pertencimento à classe do bom e do sábio. Bondade e sabedoria foram desligadas da origem, da raça e da natureza das pessoas. A escola grega tornou inoperante a conexão arcaica que liga os marcadores pessoais (raça, natureza, origem etc.) à lista de ocupações correspondentes aceitáveis (trabalhar a terra, engajar-se no negócio e no comércio, estudar e praticar). (...) o mais importante ato que a “escola faz” diz respeito à suspensão de uma chamada ordem desigual natural. Em outras palavras, a escola fornecia *tempo livre*, isto é, tempo não produtivo, para aqueles que por seu nascimento e seu lugar na sociedade (sua “posição”) não tinham direito legítimo de reivindicá-lo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 10).

Sendo assim, fica clara a necessidade de a escola voltar a essa essência e proporcionar uma experiência educativa igualitária para todos, em que o filho do médico e o filho do pedreiro não se sintam presos às expectativas que a sociedade tem sobre eles, mas que vivam e experienciem aquilo que eles mesmos desejam, que sejam livres dos padrões que lhes foram impostos e possam vivenciar a experiência do livre aprender.

Defendemos uma escola que não limita seus alunos com base no que a sociedade espera deles, mas que haja uma suspensão do “poder externo” dentro dos muros da escola, que a escola não seja vista como preparatória para o mercado de trabalho, mas seja independente dele, considerando que:

Os professores não trabalham para o ritmo do mundo produtivo. Da mesma forma, o conhecimento e as habilidades aprendidas na escola de fato têm uma clara ligação com o mundo – derivam dele, mas não coincidem com ele. Uma vez que o conhecimento e as habilidades são trazidas para dentro do escolar, passam a ser matérias e, de certo modo, tornam-se separados da aplicação diária. É claro que as próprias aplicações de conhecimentos e competências podem ser abordadas em um ambiente escolar, mas só depois de serem apresentadas como matérias (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 13).

Os estudantes quando dentro dos muros escolares, não deve, se sentir sufocados pela necessidade de atender às demandas do mercado de trabalho ou do ensino superior, eles

devem sim, se sentirem prontos para serem eles mesmos, livres e preparados para viver o novo.

A escola merece ser defendida, pois um futuro sem ela:

Seria um futuro sem futuro, pois a educação implica a existência de um trabalho em comum num espaço público, implica uma relação humana marcada pelo imprevisto, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediados pelo conhecimento e pela cultura. Perder essa presença seria diminuir o alcance e as possibilidades da educação (NÓVOA, 2022, p. 6).

Vale ressaltar que, a defesa da escola deve considerar, assim como Névoa defende, que não existe um modelo único de escola, mas que cabe a cada comunidade escolar, em cada região diferente construir a própria escola, dar sentido ao trabalho educativo que fazem. A escola vive uma dinâmica perpassada por contradições, avanços e retrocessos justamente porque ela é feita por humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

GOERGEN, P. Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa?. **Educação & Sociedade [online]**, v. 22, n. 76, 2001.

GOULART, I. **Entre o olhar do pesquisador e as ações que envolvem a pesquisa**. Linha Mestra-revista virtual, n. 5, julho/dezembro, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Manual para a Elaboração de Projetos de Edifícios Escolares na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBAM/CPU, PCRJ/SMU, 1996.

JÓFILI, Z. **Piaget, Vygotsky, Freire, e a construção do conhecimento na escola. Educação: Teorias e práticas**. Ano 2, nº 2. Universidade Católica de Pernambuco, 2002.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MURICY, K. **Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Nau, 2009, p. 1-164.

NÓVOA, A. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Salvador, BA: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, R. C. **O trabalho de antropólogo**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 17-35.

PALHARES, Taisa. Bild e Abbild: algumas considerações sobre técnica e imagem em Walter Benjamin. **ARTEFILOSOFIA**, n. 26, 2019, p. 256-267.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

TUDGE, J; WINTERHOFF, P. Vygotsky, Piaget e Bandura: Perspectives on the Relations between the Social World and Cognitive Development. In: **Human Development**. 36, p. 61-81, 1993.